Contemporanea

9

HOMENS E FACTOS DE HOJE E DE ANTANHO

MENDES LEAL

OSÉ da Silva Mendes Leal, pontificou nas letras patrias; dramaturgo, orador, poeta, historiografo e novelista, foi gran mestre da Maçonaria, ministro, par do reino e embaixador; e já ninguem dele se recorda hoje, excepto eu, que lhe devi a benevolencia dos seus conselhos literarios, quando, creança ainda, comecei a versejar.

Amigo e colega de meu pai no parlamento, mostrava Mendes Leal pela minha suposta futura gloria literaria carinhoso interesse.

E não só ele, outros politicos, tambem por igual motivo de bôas relações com o progenitor, punham seu cuidado em que o genito viesse nas letras, um dia, a ser alguem.

E que o seria me assegurava cada qual, se os seus respectivos ditames pessoais seguisse. E, porque os não segui, nada fui.

Eram esses meus pedagogicos amigos, á excepção de Silveira da Mota, literatos falhados, que, na sua fatal mania de alcançarem fama, haviam, como geralmente sucede aos que nas letras baldam esforço e tempo, buscado evidencia e celebridade no serviço da *Politica*, a decima musa ou seja as das *malas-aries*.

E dos oficiosos mestres, não tendo, por ingenita rebeldia atendido aos conselhos, muito vagamente me recordo já.

De Mendes Leal, porem, não me tenho esquecido, porque uma especie de profecia sua me impressionou profundamente, embora extranho paradoxo me parecesse quando a ouvi.

Foi, ha bem trinta e oito anos, numa festa dada pelo ultimo marquez do Rio Maior, no seu palacio á Anunciada, em honra de Mazella, aquele nuncio de S. S. que veio a morrer cardeal e, em 1883, ia deixar Lisboa, vencido por um moço ministro da justiça del-Rei D. Luis I, na questão da apresentação dos bispos para aquelas Sés que, ao tempo, estavam em Portugal *vacantes*.

O velho bardo do *Pavilhão Negro*, dera-me nessa noite a honra de me chamar a junto dele, para conversar comigo, que, havia poucos dias, regressára do secretariado de Angola.

Queria saber por que artes conseguira eu, numa interinidade minha governativa, decretar o registo civil obrigatorio naqueles reinos de Angola e Congo; e tambem queria lhe dissesse se era verdade, ou não, ter eu concorrido, como lhe haviam contado, para a escolha

que o governo fizera do bispo lá, D. José Neto, para cardeal patriarca de Lisboa, escolha essa que muito contrariára o Nuncio.

E a proposito de tal nomeação, e daquela festa fidalga, a que assistiamos, especie de parada de forças a recrutar, possivelmente para a politica do neo catolicismo, na mais aristocratica roda de Lisboa, já a esse tempo bastante gafa de adventicios vindos da grande finança e do parlamentarismo, disse me Mendes Leal: — daqui a cincoenta anos, «meu joven amigo, o mundo pertencerá ao operariado comanditado pela companhia de Jesus».

E como notasse o meu espanto, explicou-se pouco mais ou menos nestes termos, que na manhã seguinte registei, *ad perpetuam rei memoriam.*

« — Aos netos destes proceres, (proceres disse ele, que sempre falara dificil), que aí vemos nesses salões, tão convictos da hegemonia que hoje desfrutam na sociedade portuguesa, não chegará a hora de a exercer, pois, já, terá sido liquidada miseravelmente a situação politica e social de hoje.

«Se o não fôr pela concreção de ideia colectivista na forma do socialismo chamado católico, — transição fatal para um comunismo á maneira do que houve no Paraguay e Maranhão — se-lo-ha pela revolução de caracter meramente económico nas reivindicações do povo.

«Em qualquer das formas, porem, em que o problema se resolva, a companhia de Jesus prevalecerá espiritualmente.

«As actuais classes sociais preponderantes, restos duma ilustre aristocratica historica e a alta burguesia, engrandecida pelo regime parlamentar e capitalista deste seculo, estão concorrendo, dia a dia, para dar maior força á politica da companhia de Jesus, imaginando salvarem-se dentro do imperialismo desta.

«E' uma ilusão, meu amigo, é uma ilusão! Todo o imperialismo implica uma raza igualdade dos imperados, não só em relação ao imperante, mas ainda, para a igualdade ser completa não admite a supremacia de classe social alguma sobre outra. E isto é a negação absoluta da razão de ser, tanto do antigo regimen nobiliarquico de lustre guerreiro ou de competencias estadisticas das organisações monarquicas, modelo Luis XIV como do regime capitalista ou burguez das monarquias e republicas parlamentares.

«A companhia de Jesus é essencialmente inimiga duns e doutros, porque o seu objectivo é o comunismo economico, sob o governo moral dos seus geraes. Aos fidalgos ilusionados pelo preconceito de casta e aos burguezes deslumbrados pela sua situação preponderante actual, bastava-lhes reflectir sobre o facto da Companhia de Jesus ter promovido, pela sua politica capciosa, a confusão da aristocracia velha com a burguesia recem engradecida pela *tripotage* e pela usura, explorando, a bem de tal confusão, a decadencia pecuniária daquela e o *snobismo* desta, para claramente se lhes evidenciar que a politica da Companhia tem sido sempre dum cruel oportunismo, aproventando-se das supremacias, duns e outros emquanto tiverem prestigio nas multidões para vir a final a estabelecer depois de as confundir, a sua propria supremacia social.

E vai seguindo a mesma politica convicta de que a ruina e morte dos regimes oligarquicos é inevitavel num futuro mais ou menos proximo.

«E quando a crise se der, ver-se ha a Companhia, pelo proletariado contra os possidentes.

«Na verdade, a Terra, fonte da riqueza e teatro da actividade humana, é patrimonio de toda a humanidade, e não morgadio e apanagio para goso de uma parte dela somente; é inevitavel, e é justo, que a luz desta verdade se faça.

«Ora, como a espiritualidade humana é tambem uma realidade, que tem a imortalidade que a especie tiver, e a alma vibra constante no receio da morte do corpo e na ancia dum *bem mais intimo e profundo,* o do espirito, factos estes de que resulta a religiosidade do homem, aquela teologia moral que no periodo da historia, em que a humanidade se rebolque num sensualismo grosseiro de gosos materiais, harmonizar a satisfação destes com aquele anceio, será a que dominará universalmente.

«O periodo de lutas entre as diferentes modalidades de entender Deus dentro da mesma religião, passou para sempre no catolicismo romano, pois que o «trust» de todas as ordens catolicas está feito, pertencendo a hegemonia á teologia dos jesuitas, que hoje são marianistas e codelatricos. E' esta teologia a que no fundo considera que o homem, por ser alma, tambem não deixa de ser carne emquanto vive, e que cumpre em nome de Deus harmonisar as aspirações espirituais com as necessidades imperiosas da sensualidade.

Principiou-se por preconisar com Loyola e S. Francisco de Borja, o *marianismo*, o qual veiu a lograr base dogmatica pela definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria o que importa a divinação da mulher; e nos fins do seculo XVII surgiu o culto do *Sagrado Coração*, idolatrio contra a qual o episcopado catolico e os papas por mais de um seculo lutaram; mas acabará por vencer e triunfar plenamente de Jesus Cristo com as canonizações da histerica Maria Alocoque e quiçá do mistificador padre Colombieres, da Sociedade de Jesus.

Tanto o «marianismo» como o culto do Sagrado Coração são idolatrias creadas pelos jesuitas para propiciarem uma politica religiosa de transigencia e harmonia numa moral acomodaticia ás humanas temporalidades, por isso, que importam a espiritualização da carnal concubiscencia. E' meio de a tudo dar satisfação numa enscenação que se chama «A Ordem».

Mas a «ordem» é tudo quanto, na sua euritmia ha de mais variavel, por isso que depende das condições metologicas como agora pedantemente lhes chamam; e a habilidade do artista, isto é, do politico, está em aproveitar as condições para um ilusorio efeito que concorra a mostrar praticamente a aparencia de verdade da tese, a qual é o intuito da obra dos jesuitas.

Este processo é a tecnica teatral.

Era a tecnica o que sobretudo me preocupava quando eu escrevia para o teatro. E o meio seguro de empolgar-se o publico: e o publico é quem paga ao autor e aos actores.

Se o meu joven amigo, um dia, se dedicar a trabalhos dramaticos, cuide principalmente da tecnica da enscenação porque sem ela não haverá «ordem» nem real nos movimentos das figuras, nem aparente nas ideias; e sem aparencias, que é que o publico vê, não se prende o publico e este é... quem paga.

— A ordem! a ordem social? a ordem politica?

Artificiosas enscenações! Teatro! Tudo teatro!

E logo como que segredando-me:

— O jesuita, meu joven amigo, é um grande comediografo, e das três mascaras, a classica, a romantica e naturalista. Mas usa-as sempre espiando o seu publico, para o fazer colaborar com ele.

E' um dramaturgo oportunista; faz com as paixões, humanas, e os erros consequentes e os preconceitos, o que fazia o nosso Jorge Ferreira de Vasconcelos, enchendo a Eufrazina de adagios e anexins ao sabor do tempo. Adagios e Anexins são toda a sabedoria do publico, o qual ouvindo-os, ditos do palco, se reconhece autor, e aplaude, porque a si se aplaude.

E' esta tambem a razão do triunfo do *lugar comum* na oratoria dos comicios, e no artigo politico do jornal, porque a *opinião publica é lugar comum*».

Assim, ia dizendo o poeta; mas parecendo-lhe que eu já estava atordoado e me distraía, olhando repetidas vezes, para as raparigas que dançavam, sorriu-se benevolo e despediu-se, dizendo-me: — «Vá, divertir-se, vá, que está na edade feliz de o poder fazer, e, se chegar a velho, como eu do coração lhe desejo, ha de lembrar-se do que eu lhe digo aqui, nesta linda festa em que brilha uma sociedade, que será então apenas uma vaga recordação. E na saudade, que alguns tiverem dela, estará a esperança de restauração do passado; serão os futuros sebastianistas».

Eu estava encantado de o ouvir, e, embora me parecessem algumas afirmações, das

que reproduzo quasi textualmente, paradoxos injustificaveis, por consideração pelo velho diplomata lusitano, tão cheio de glorias oficiais, não me atrevi a contradizê-lo.

Quantas vezes, porém, volvidos anos, me tenho recordado da profecia, do velho poeta, e perguntado a mim mesmo se realmente não virá a ser essa a proxima resultante social do neo-catolicismo.

E esse Mazela, que já então tinha vencido Bismark, fazendo com que os jesuitas fossem livres para a sua ação decente em todo o imperio alemão, não terá sido quem á Prussia feriu de morte, tornando pelo triunfo aquela sua gestão diplomatica de nuncio da Baviera, inevitavel, mais tarde ou mais cedo, a victoria dos latinos, tão diferentes no modo de ser politico da raça puramente germanica.

Diz-se e justifica-se o dito — que foram Fiteh e Hegel os que venceram definitivamente a Napoleão I; por ter sido a cultura filosofica, que, por influição deles nos governos da Prussia, fizera renascer e consolidara a força moral da colectividade germanica do Norte.

Pois, com razão, igualmente fundada, se pode agora dizer que foi o neo-catolicismo que levou de vencida a ultima guerra mundial.

Na verdade, quem vence as grandes campanhas (e esta foi a maior da historia de todos os tempos) não são essencialmente os eminentes generais, nem os eximios diplomatas em evidencia; mas sim as supremas sinteses espirituais, que influindo, por sugestão sentimental, movem as consciencias e determinam o caracter moral das colectividades humanas, e a estas dão a força de resistencia invencivel. E' sempre Jeovah o Deus dos exercitos!

E, logo, surgem os homens proprios para instrumentos das ideias.

Porventura nesta segunda guerra púnica, pois a historia repete-se, Jofre — *Quintus-Fabius Maximus conetator* — e Foch — *Spionem habemus* — não são dois neo-catolicos militantes!

Jofre retira-se do serviço activo do exercito para a sua aldeia nos baixos Pyrineus, fronteiriça da Catalunha, em protesto contra a lei que expulsou da França as congregações religiosas; e só voltou de lá para tomar comando na grande guerra; e Foch é um jesuita confesso.

E quem ignora que o partido catolico governava, havia vinte e seis anos, a Belgica, quando este minusculo reino, que parece, se armára com os seus fortes blindados em previsão *divina*, se opôs á passagem dos alemães para Champagne, retardando lhes pela resistencia heroica até ao sacrificio possivel da propria nacionalidade, o passo conseguindo, assim, dar tempo á preparação militar precisa da França e da Inglaterra, para poderem tomar a ofensiva, e a que igualmente tempo houvesse (e esse mais necessario era ainda), para que a ideia imperialista, que é a formula politica neo-catolica, superasse com o imperialista Wilson a natural repugnancia instintiva da grande nação norte americana a ir contra a civilização alemã, cujo espirito, sob o ponto de vista da compreensão do que seja a missão social do dinheiro (criterio etnico moral este que principalmente a caracteriza e a diferença da civilização latina), é hoje o dela, tanto na sua essencia como no modo de concretar-se, porquanto sua grandesa industrial, deve-a á America do Norte, á onda de sangue germanica que se lhe infiltrou com a grande emigração, em massa, do Hanover em 1848.

E depois não foi a revolta efectuada na rectaguarda alemã promovida pelos bavaros?

Ah! os catolicos bavaros!

E dos catolicos austriacos, com os seus desfalecimentos morais e dubia diplomacia, que diremos?

Mas a victoria dos aliados rompeu o equilibrio politico da Europa, e determinou o tremendo descalabro economico, efeito da polarização inevitavel das reservas metalicas do mundo nas mãos dos enriquecidos pela guerra, nações e individuos; e daí ha-de resultar, em reacção contrária á absorvente burguesia parasitaria, o advento do operariado.

E com o bolchevismo, no genuino significado do termo, virá o consequente desaparecimento, por largo tempo, (quiçá por seculo), da hegemonia de élites intelectuais de cultura

filosofica; e, dêsse facto, inevitavel tambem, o triunfo da Igreja Romana, visto que o problema do operariado o objectivo imediato é o *bem estar material*, e ao homem é tambem essencial um *bem* mais elevado, a satisfação do espirito, consistindo a *felicidade, o seu bem supremo* numa existencia em que se harmonizem a satisfação *material* e a *espiritual*. Dá-se, porêm, que as condições sociais éticas do intenso periodo revolucionario não permitem, para a maioria da humanidade, que o *bem estar do espirito* lhe possa proporcionar um criticismo esclarecido e orientado pela unidade filosofica; e, como um schema de tal harmonia se acha completo e sistomatizado, politica e pedadogicamente, pela Companhia de Jesus, sob o principio da abdicação do juizo propria de cada qual no do seu director espiritual, a humanidade cristã será, de necessidade, colhida, com rapidez de assombrar, nessa embaladora e suave rede de sufismações da vida, e repousará feliz naquela *artificial ignorancia*, de que fala o Marquês de Pombal no preambulo do decreto da reforma da Universidade de Coimbra em 1772; e terá a ilusão de que vai realizando seu destino superior.

E' portanto, de reconhecer que Mendes Leal, aliás um poeta menor, tivéra, ha trinta e oito anos, a clarividencia genial do que está sucedendo hoje, o que Inácio de Loyola tendo fundado no seculo XVI a sua Companhia de Jesus com o objectivo de combater e vencer o *Protestantismo*, só veiu a triunfar neste seculo XX, quando vencida a grande guerra, o nuncio do papa para a Alemanha foi recebido pelo govêrno de Berlim!

E porque não havia de ser, se o protestantismo está na Europa, de facto, vencido?

E' bem certo que para as altas entidades politicas tem de haver tempos de toupeira e tempos de falcão, e, mais de trez seculos andou de toupeira a Companhia de Jesus, para, emfim, se mostrar hoje, á luz do dia, em alto vôo de falcão; e ei la a pairar ovante sobre a velha Europa, levando em suas garras, a um tempo de aço e de veludo, captiva a pobre alma humana, que Jesus Cristo libertara, provando, sentimentalmente com o sacrificio do *filho de Deus*, que o *homem só se deve á verdade, embora o matem*. E' isto que a Cruz simboliza. E foi isto que Luthero e Malecton viram no cristianismo mas a insuficiente sciencia do tempo, não lhe permitindo outra base para a concepção de Deus, que não fosse a *revelação*, e não tendo os doutores protestantes outro método de raciocinio que não fosse o escolastico, a Reforma falhou como religião e como filosofia. E se não morreu com os reformadores foi porque os reis do norte, por politica, lhes conveiu mantê la. Volvidos, porém, dezoito seculos depois do aparecimento de Cristo, apareceu Kant a iluminar plenamente as almas, dando lhes pelo cristicismo da *razão pura* a consciencia da responsabilidade moral. E assim se ia completando a missão redemptora do cristianismo. Mas a obra de Jesus Cristo e a de Kant ei-las frustadas, a final, pela tenacidade dos jesuitas; e a Liberdade já quasi perdida vai.

COELHO DE CARVALHO

Antigo Reitor da Universidade de Coimbra.

PUREZA

Tenho um amor, emfim, como desejo,
Como em meu sonho o quiz e idealisei.
Amor que ninguem sabe e só eu sei,
Que, sem o olhar, sempre em meus olhos vejo.

Amor que não floriu do ardor dum beijo,
Puro como o mais puro ouro de lei;
Fogo ardentissimo em que me abrasei,
Que arde sem ser na febre do desejo.

Faz bem amar assim, serenamente,
Olhando o que hade vir e sempre ausente,
Não é a esperança o maior bem da vida?

Cerra-te no teu sonho, coração;
Lirio de amor, conserva-te em botão,
Dura tão pouco a rosa florescida!

INCREDULIDADE

Estes meus versos simples que te dou
E por que mostras só curiosidade,
Crendo que são uma futilidade,
Um passatempo frívolo em que estou;

Mal sabes quanto amor se concentrou
Nêles: com quanto ardor, quanta ansiedade
Os recortei na pura claridade
Do dulcissimo sonho que os gerou.

Pertencem-te meus versos, se são teus!
Se me veem de ti como de Deus,
Embora saiba bem que tu não crês...

Ah, que cegueira e desentendimento;
E's tu que falas no meu pensamento,
Estás toda inteira nêle e não te vês...

Do poema inédito «Rosa Mística».

MANUEL RIBEIRO

EPITALAMIO SUPREMO

Ven, como la Amiga que busca al Amigo
sola, y sin testigo.
Ven, tácitamente .....
—Siempre esta entornado, y es por ti, el postigo —
! Oh la dulce noche !...... Entra. Nadie siente
Yo, solo, en la sombra ..... ! Acércate y haz
tus bodas conmigo!
Tómame en un ímpetu!.... ! Bésame la frente!..
Mírame la faz!
Durará el espasmo perdurablemente ....
Una eternidad ....

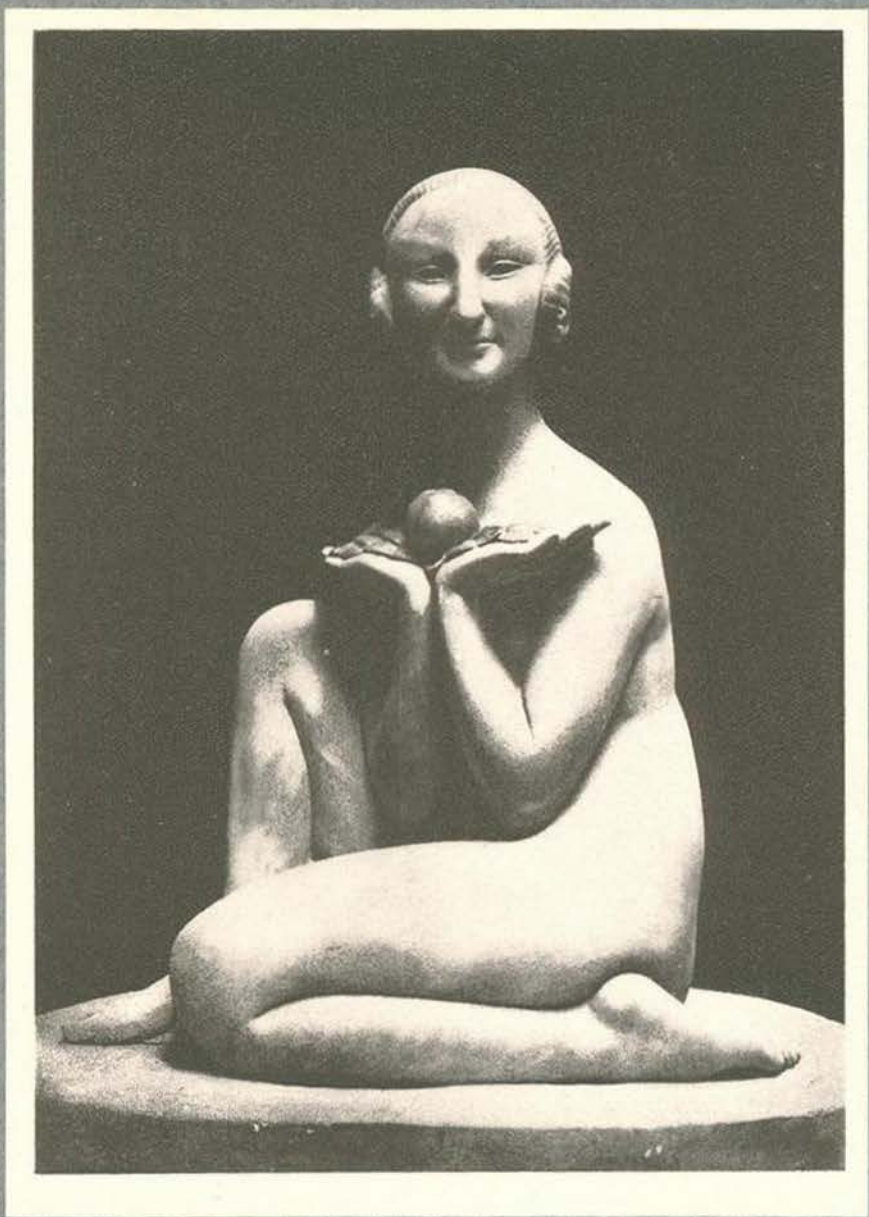
....

....

! Oh, mi triste Esposa! .... ! Oh quien me diria
que este mal me hicieres!...— Tu boca, que fria!..
! Y esto, eternamente! ....
? Que importa que venga, mañana la gente,
me mire y me diga; ! Que descanse en paz?..
Dejadla .. Dejad! ....

VIGO, 18-1-1923.

ANTONIO REY SOTO.

Contemporanea

ERNESTO DO CANTO
EVA

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA E O SEU NOVO LIVRO "SONETOS D'AMOR"

Guerra Junqueiro

APARECEU já ha mêses o novo livro de Fausto Guedes Teixeira — «Sonetos d'Amor». Pouco ou nada se tem dito — e houve até quem lhe atirasse pedras, com a mesma inconsciencia e a mesma irresponsabilidade com que um garoto deita a lingua de fóra, ou com a mesma preversidade com que um impotente invejoso calunia. O que vale, (embora nada valha as mais das vezes) é que tudo se compreende — e as exteriorisações de certos espantos devem calar-se nesta elegantissima Lisbôa, p'lo menos, para que nos não perguntem se chegamos ontem da Gralheira ou da Lourinhã tão falada...

A primeira vez que ouvi falar de Fausto Guedes Teixeira foi em Coimbra, ha annos. Era um tempo em que a todos nós, meninos e moços, nos bastava citar um nome com voz altissonante e ritmica para termos direitos a foros de celebridade, na meia duzia de metros da Rua Ferreira Borges. E recordo-me de que, nessa altura — em que falavamos da Arte e da Beleza, como se a Arte e a Beleza existissem apenas no tom da nossa voz — e absolutamente em mais nada — se me não atrevi a derrubar quem me falava de Fausto Guedes Teixeira tão exaltadamente, repliquei no entanto, trabalhando o meu gesto em salométicas curvas, que não havia «orquestração», que não havia «ritmo», que o Poeta Guedes Teixeira não sabia dar os «requintes», que os seus versos careciam da exigencia cruel dum extranho «gosto d'élite», que não era finalmente um artista—um Artista com o poder de tornar as palavras aquelas pedras deslumbrantes e raras, capazes de fulgirem e reverberarem deslumbramentos, exotismos, côres, sinfonias, no vasto *arranjo* duma *composição* trabalhadissima!

É claro que isto se passou ha annos, quando nós fomos parar aos chou-

pos e ao luar dos sitios sagrados p'la Lenda — e para nós nada mais havia em toda a Terra e em todo o Ceu senão literatura — essa literatura veludos, sedas, atitudes, pedrarias, musicas, cambiantes, crepusculos, latescencias, derivada de todos os senhores que tornaram a sensibilidade imediata dos sentidos, hipertrofiando-a, convulsionando-a, artificialisando-a até em requintes de delicadesa ou de animalidade empoada, não uma qualidade acessoria, mas a propria qualidade creadora, o principio, o meio e o fim de toda a obra d'Arte.

Mas passaram annos, os choupos ficaram sós com o seu luar, surgiram aspirações, lutas, conflitos, mulheres, horas d'amor, embates de paixões, tristezas, tédios, alegrias... Ás sensações, aos sentimentos, ás exaltações e ás dôres imaginadas, sucederam, logicamente, as proprias sensações, os proprios sentimentos, as proprias exaltações e as proprias dôres — A Literatura deu lugar á Vida — E não esquecerei nunca a impressão recebida, quando uma tarde, na Beira, p'lo Outono, voltei de novo a ler Fausto Guedes Teixeira.

A Dedicatoria, a Inscrição, a «Alma minha», «A minha ambição», «O meu segredo», a «Dôr infinita», «Sempre Virgem», a «Carta a uma brazileira», «Saudades», o «Desalento», a ultima pagina da «Mocidade Perdida», o «Passeio ao Campo», o «Caminho errado», «Luz negra», «Um grande amor», «Eterno engano», «Desventura minha», «Entregue ao meu tormento»... — todo «O meu Livro» emfim, ondulava, arquejava, como um arcaboiço humano formidavel, onde um gigante coração batesse amando, sorrindo, chorando, sofrendo, cantando todos os sentimentos. Em cada verso parecia latejar uma arteria febril.

O Desejo, o Orgulho, a Humildade, o Desespero, a Dôr, o Desdem, a Bondade, o Encantamento, a Ironia, as Lutas, a Saudade... — toda uma vida intima em borbotões de Paixão, jorrava d'aquelas paginas admiraveis nas suas rimas tumultuosas ou calmas, enlevadas ou escarninhas, como se jorrassem da humanidade inteira. Exaltei-me. Delirei nesse exagero d'arrebatamento que só as obras d'Arte ou as mulheres nos podem provocar, — e pasmei de só naquela hora ter sentido a força da caudal de vida humana que os versos de Fausto Guedes encerram.

Reli-o depois d'isso inumeras vezes, cheguei a ter de cór o poemeto «Maria» — e neste seu ultimo livro «Sonetos d'Amôr» ha paginas, quadras, tercetos, que se gritam ou resam sempre que uma grande hora sentimental nos agite.

Não é como João de Deus um grande enamorado, para quem o proprio Desejo tem um perfume de lirio e a visão de uma posse é ainda um vôo d'extase luminoso, para «lá onde tudo é belo e estavel». Tambem nada se encontra nele que possa levar-nos a compara-lo á candida ingenuidade ou á doce malicia dos bucolicos ou dos idilicos comovidos d'uma vida interior, que musicalmente flue, como um arroio constelado de estrelas, e vias-lacteas e sonhos d'um odorante sensualismo de floridas moitas. Nem tão pouco procura o ceu, os astros, o sol, o luar, para neles se extasiar ou para a eles subir como canto d'ave ou como doirado, ou como sombrio vulto de nuvem ascen-

dendo, aureolada de pensamento ou comoção. Montanhas, vales, rios, escarpas, penedias, vergeis matisados, fragantes pomares, poentes em braza, brilhos sideraes — o admiravel encanto das paisagens ou tudo o que possa sugerir aquilo que ha de eterno dentro da Natureza só o interessa quando entra, por assim dizer, na vida dos sentimentos ou á vida dos sentimentos o pode redusir.

Por isso mesmo — sem que os seus olhos nunca se quedassem no valor plastico das palavras, sem se tornar nunca um artifice lapidario, ou mesmo um habil compositor de assonancias — querendo antes que a sua poesia seja, mais que uma arte, uma explosão de vida humana, tão verdadeira e sincera como um jacto de sangue ou uma batega de lagrimas — o seu eterno tema é a Mulher — a eterna mulher, a grande agitadora e a grande reveladora da vida do Coração.

Como uma deslumbrante lua que, irradiando sobre o Mar, cria calmarias de tremulinas fulgentes ou tormentas que arqueiam, e trovejam e se desfasem, em arrancos ou em lamentos, d'encontro ás escavadas penedias das ribas — a Mulher, na vida de Fausto Guedes Teixeira (e portanto na sua Obra) é sempre esse palor, essa luz de reflexo inefavél e branda, que lhe alevanta a alma em ondas de carinho ou lha despedaça cachões d'amargura. E é sempre essa luz que ele procura e deseja e quer encontrar mais verdadeira e brilhante do que a luz das estrelas — e são os efeitos d'essa luz que o exaltam, o comovem — e que ele ama, afinal.

✱ Guerra Junqueiro

D'aí o não se ver limitado num hino sensual ás formas da Mulher — d'aí o importar-lhe menos a beleza exterior d'uns seios de escultura do que a força da sinceridade do imenso amor de que os julgue capázes. A propria posse para ele, que a deseja e a quer a braços bem possantes, como a grita e a pede em tantos, tantos versos — não é uma finalidade. E' ainda um meio, embora o ultimo talvez, para o levar a sentir bater mais perto, bem junto do seu o outro coração — e em cada abraço beija-lo, e estuda-lo, e profunda-lo, e possui-lo e conhece-lo, em fim, para depois saber que, em vez do Amor, do Sonho procurado, é só um coração — um pobre coração cujo abandono á sua piedade dóe e cuja presença é triste e desesperadosamente minima!

Assim, ao mesmo tempo que é o poeta que se exalta, é o psicologo que analisa, o critico de sentimentos que observa — e uma alma que sofre. A par do sentimento que transborda e inunda, ha nele uma rara inteligencia que vê, que ajuiza e que luta — e uma consciencia que se debate. Muitas vezes mesmo o impulso creador surge do conflito destas forças em guerra, numa dramatisação de desgraça semelhante á dum esteril vendaval que deixe a Natureza ou a Vida toda desolada. As suas proprias tristezas de exilado, a sua bondade dolorida e essa amarga resignação com que olha tudo sem nada o interessar — e que, no sonêto final deste seu ultimo livro, tem uma expressão magnifica — são a chaga viva aberta numa inteligencia e numa razão, que nunca se enganaram, pelo enorme cansaço e pela imensa dôr dum coração ansioso, que como o Mar se revolve e como num incendio se queima, na febre de encontrar e sabendo que não encontra nunca — o grande Amor!

Deste cachão, que na sua alma espuma enlevos e agonias, deriva o segredo que faz com que a sua poesia — embora personalissima e partindo de casos d'amor iguais aos de toda a gente — pelo impulso que alevanta, impulsiona e obriga a rolar, nas suas curvas maiores se universaliza ao ponto de se sentir dentro dela, não já o coração dum homem combalido ou exaltado pela paixão ou pela dor, mas o eterno pulsar de sentimentos humanos, atirando-se continuadamente, em catadupas, para a aspiração do que humanamente seja grande ou do que humanamente seja melhor — e continuadamente desabando, a seguir, em gritos de revolta ou em suspiros de magua, sob a fragilidade — sei lá! — da propria aspiração!

Tem falhas? Claro, tem falhas. Todos os que se atiram para a Vida com um exesso de vida capaz de tornar imortal isto ou aquilo — como as rajadas do Vento ou os impetos do Mar, só quando a sua vida culmina conseguem, num momento, dar a eternidade. Nos prorios astros, ha vacilações. E Fausto Guedes Teixeira, que lembra uma torrente feita das aspirações e das lagrimas da pobre, e admiravel e triste carcassa humana, tem, como todas as torrentes, e como as maiores sobretudo, enormes altos e baixos. Mas exatamente da irregularidade desse arquejar duma vida de pensamento que sempre tem vivido junto do coração, e da grande intensidade com que a realisou, — e que, destacando-o da obra de tantos e tão grandes poetas nossos, lhe marca um lugar á parte e lhe dá uma maneira apaixonada de ser que se enraiza na apaixonada maneira de ser de Camões — vem a vaga alta que sacode e a garra que prende — a nossa admiração.

* Guerra Junqueiro

Neste seu ultimo livro «Sonêtos d'Amor», escrito em varias datas e em epocas diferentes, alem de sonêtos de galanteria — delicados e frageis como ramos de flores — de sonêtos d'amor e de paixão, em que o fogo do «Meu Livro» e do poemeto «Maria» volta a crepitar e a despedir labaredas, como no «Mal sem remedio» e «Amar e Odiar», — e dos lindissimos sonêtos «Flores dum dia», «Saudade», «O passarinho», «Mimi» e tantos outros — predomina a inteligencia dos sentimentos, apesar de continuar sempre por descontentamentos nublada Mas o que surpreende é o aparecimento duma *corda* nova, ou intensificada ao ponto de se sentir melhor, feita da serenidade duma tristeza doce, dum desencantamento cristão ungido de ternura, que lhe dá a meia tinta admiravel e comovidissima dos sonetos «Ao entardecer», «Dia de mortos», «Monte de saudade», «Monte de Paz», «Nevoeiro» e o sonêto final — belos, incontestavelmente, entre os Maiores.

Neles, os embates de pensamento e de imaginação sentimental deram lugar a uma doce alma contemplativa, que no calmo encanto da Natureza se abandona, enlevando-se desprendidamente, em extase ou em beatitude, numa profunda comoção que a serena e conforta, embora a torne mais triste. Ante essa espiritualidade emotiva, de lampadario cristão, de cruzeiro de caminho ou de capela dum ermo, que, ao fim da tarde, comungue, no calmo dobrar das trindades, todo o perfume da tarde e as curvas religiosas do anoitecer das colinas — o proprio coração insatisfeito ajoelha ou *sobre os vales* » e *sus-*

pende, numa quietitude de prece em que mesmo as lembranças se esvaiêm ou imaterialisam numa saudade alheada... E não virá a ser este contemplar docemente, em que o espirito emotivo, liberto do drama humano trabalha, a sua nova fonte de poesia, vivendo de mais a mais Fausto Guedes a olhar memoracões de toda a sorte de ruinas d'outras eras, com a ascetica samarra dos montes de Penude dum lado, e, ao outro, um vale de silencio esquecido e azul, que vai findar, lá longe, no desvanecido lilás das brumas do Alem do Douro?

Por tudo isto deve-se a Fausto Guedes Teixeira um largo e cuidado estudo, com largas transcrições que mostrem a grandeza das suas qualidades e até d'alguns dos seus defeitos. Seria mesmo curioso marcar-lhe, nessa altura, o seu justo lugar como valor de reação contra os senhores parnasianos que teimavam em querer reduzir a Poesia a simples habilidades metricas e axaderices sintaxicas.

Mas eu apenas quero, p'lo menos por ora, enviar-lhe as minhas saudações p'lo aparecimento dos «Sonêtos d'Amor». E para o fazer muito sinceramente basta pertencer ao numero daqueles que escorraçam os livros que, como certas cortezãs, apenas têm, quando têm, encantamento exterior — e nas obras d'Arte — que devem presumir-se feitas por quem saiba pintar, construir ou escrever — apenas procuram aquela porção d'alma, de pensamento, ou seja do que fôr intensa e altamente humano, verdadeiramente poetico ou elevadamente religioso.

Sobretudo agora, debruçados como estamos sobre um momento de vida em que as almas nos surgem complicadas e estranhas, soltas em tudo o que ha de bom e mau na humanidade — não podemos parar admirando a imediata beleza das linhas, das formas, das côres ou dos sons — enorme como elemento, ou meio, mas inferiorissima como finalidade. Acima de tudo está, e estará sempre, a nossa cabeça que pensa e que luta — e o nosso coração que se sente bater.

ANTONIO DE SÈVES

LISBOA
Primavera, 923

CANÇÃO DO NU

Lindo
Mármore preciôso que n'alcôva
Surpreendi dormindo!
E lindo
Á luz de um fósforo, acendido a mêdo,
Despertou sorrindo.
E lindo
Dos olhos as meninas me saltáram
Para o nu que se estava descobrindo...

✸
Guerra
Junqueiro

Linda,
Ficou-se ao desgasalho adormecida.
Ai vida!
Como ainda não vi coisa tão linda.
Linda,
Braços abertos em desnudo amplexo,
Seu corpo era uma púbere mendiga
E êle é que estava pedindo,
Lindo,
O meu sexo.

AFONSO DUARTE

METÁFORAS

I

Bondadosa hembra es la Primavera, porque no se muestra cruel ante el encanto sin par con que nos ilumina la mujer lusitana.

Lisboa: Plantel de corazones líricos sobre inmensa tumba de héroes inmortales.

Encina es Guerra Junqueiro que vé doblegado al roble: al roble de la juventud que poetiza...

SOLLY AZAGURY

LISBOA
17-6.°-XXIII

«M'ami tu?...»

— «Amas-me?» tu sorrindo preguntáste;
Eu, a sorrir tambem, olhei p'ra ti.
—«Mas vá, responde: Do you love me?»
E eu não te respondi, e tu coráste.

✱
Guerra
Junqueiro

— «Liebst du mich?» a insistir continuáste,
E que eras tonto, mais me convenci...
— «Mais m'aimes tu, ma chère? Dis oui»...
E eu não te respondi, e tu clamáste:

—«Como és cruel em me fazer sofrer,
Em torturar-me, em não me responder,
Sabendo que me causas tanta dôr!...»

Então, ao vêr-te assim tão ansioso,
Disse: (pois responder era forçoso)
— «Yes, Ia, Oui... Sim!!! Meu amor!...»

TETRALDA DE LEMOS

Contemporanea

VASQUEZ DIAZ
AGUA FORTE

APOCALYPSE

POR CARLOS BABO

O tempo está proximo.

Aquele que tem ouvidos que ouça.

Aquele que tem olhos, que os *unja com calyrio para que veja.*

Fui arrebatado por mim proprio e ouvi dentro de mim uma voz meiga, que dizia:

O que vês, escreve-o e envia-o a todos que queiram ver, e mesmo aos que não queiram.

✸ Guerra Junqueiro

Voltei-me, para ver a voz que falava comigo, e, com surpreza, vi, assim voltado, que era a minha verdadeira voz.

Mas era uma voz, que, soando, se fazia em luz.

E foi então que eu vi quanto é grosseira a voz da minha garganta, e grosseiras e feias são as vozes mais afamadas que cantam aos ouvidos humanos, transitorios e imperfeitos.

Aquele que tem ouvidos ouça o que a voz do Espirito disse, subindo em ondas de luz do inconsciente até á consciencia que vos fala:

Não temas nada do que tens que padecer, porque espontaneamente escolheste a linha inamovivel que havias de caminhar.

Por muito preso que estejas á materia, e, nesse turpôr de ti proprio— condição fatal do interesse pela vida, do desejo de cumprir o teu destino— estejas esquecido do principio e do fim, mal tenha soado o instante improrogavel e surjas do sonho de penitencia perante a realidade de ti mesmo, na plenitude da consciencia, liberto e livre, por não vêres limite de espaço nem de tempo, verás que o passado e o futuro são simples imagens turvas do esquecimento, adstrictas á necessidade da tua escravidão.

Porque tu és agora escravo, não de Deus, mas de ti e só de ti.

E hasde sê-lo tanto tempo, quanto te custe a vencer; isto é, a saber quebrar as cadeias que te prendem.

E's afinal, como aquele que, auctor de crimes e posto a ferros, cumprida a pena, saisse da prisão, mas incapaz de levar a vida pelo arrependimento fortalecido no trabalho e no amor, preferisse dar azo a que de novo o prendessem, para lhe darem casa, cama e mesa e ociosidade.

A vossa vida é assim uma escravidão voluntaria; mas não pela vontade de ascenderdes a grau superiores de perfeição, pela dôr.

Sois escravos voluntarios, porque, sem coragem de subirdes pelo sofrimento de vêrdes permanentemente a vossa miseria fisica e moral, de ouvirdes os gritos da consciencia regelada na Sombra indissoluvel, ou de, ao menos, tentardes a libertação, escravisando-vos á dôr humana que floresce em luz, fugistes, cobardemente, á Sombra purificadora e deixastes-vos cair na escuridão, escolhendo o caminho que se vos afigurou mais cómodo.

Por isso, a vossa vida será esteril. Emquanto não quizerdes vencer, a materia será victoriosa e não deixareis de sere escravos.

✱
Guerra
Junqueiro

Não vos falo para agora, para o que é; mas para o vosso futuro, para o que hade ser e vós julgais que não é.

E julgais que não é, porque vos esquecestes do que sois, por vos cobrirdes de setins e sedas e ouro, e porque vos galopam, á vontade, os apetites sobre as lamas rubras, onde se queimam e ardem e se requintam.

Esquecestes-vos do que sois, porque rastejais na embriaguez da gula e da luxuaria, e os vossos olhos não vêm senão as imagens dos corpos, e os vossos ouvidos não ouvem senão a voz do sentidos, a voz tumultuosa dos instinctos.

E, por isso, sofrereis a nudez e o frio, e haveis de sentir, sem corpo, o mesmo que se o tivesseis; porque a imagem das sensações permanecerá tanto mais viva, quanto mais vos tiverdes interessado nelas; e sentireis os vicios presos a vós, sem que os possais repelir; como aquele que, nú e suspenso, até meio do corpo, num pôço de agua, sentia as sanguesugas pegarem-se-lhe, pouco a pouco, a todos os póros, como ventosas a sorverem-lhe o sangue; a levarem-lhe a vida, gôta a gôta.

Esquecestes-vos do que sois, porque mentis, roubaes, mataes, calumniaes; e se nem sempre vos chamam apostolos, ou se a justiça entre vós nem sempre dá louvor ao roubo, ao assassinato, á calumnia, é certo que, vendida ou de graça, deixa-vos em paz.

E assim, o sangue do Cordeiro, vós ensopaste-lo em lama; as azas da Aguia, prendeste-las aos cornos do Touro.

E de olhos cegos á luz resplandecente do Anjo, ajoelhastes deante da Besta.

Mas ai de vós, que sois vestidos de *linhos finissimos, ardornados de ouro e pedras preciosas*, e *de perolas*, que num instante ficareis desolados, e no abismo em que vos precipitardes ninguem vos achará jámais.

Quanto vos tiverdes *glorificado, vivendo em deleites,* tanto havereis de *tormento e pranto.*

E ser-vos-ha *pago em dobro, conforme as vossas obras.*

Ai de vós, que num momento virá a vossa condenação, e quando menos a esperardes, embebidos no deleite dos vossos vicios e dos vossos crimes.

Vós que me ouvis, não me entendereis, porque, para me entenderdes, era preciso ouvirdes a voz da vossa propria consciencia.

E a vossa consciencia chora no inconsciente a dôr da sua condenação, e nem os lamentos vislumbram na muralha negra em que se deixou cair, entorpecida de horror ao olhar-se a si mesma.

E então só ouvis a voz rouca dos instinctos, a voz do consciente momentaneo, a voz da reação imediata ás impressões da materia imperiosa, dominadora, obcecante, gloriosa, na imponencia do riso — essa mascara de mil de mascaras, com que a Besta se habituou a esquecer-se, á força de se negar, com medo de se encontrar a si mesma.

Guerra Junqueiro

Bem sei quanto vos é aprazivel, como narcotico ou bebida inebriante, a palavra sem sentido, ou a imagem gráfica dos sentidos, que vos lança no turbilhão da vertigem, em que todos rolaes, enlouquecidos.

Mas que me importa que a mentira vos agrade, se a voz do Espirito manda escrever o que é verdadeiro ?

Vós, mentirosos, e quem vos fala mentindo-vos, sois todos o mesmo...

Vós, assassinos e ladrões, e quem vos julga, absolvendo-vos, sois todos eguais...

Vós, crestados em todos os vicios, e quem vos incensa de óleos e perfumes as carnes queimadas, sois todos irmãos...

Vós, calumniadores, e quem se amezenda no rasto turtuoso e viscoso da calumnia, sois todos venenosos...

Vós, que cuspis a maior afronta á terra e aos ceos, quando praticaes o mais atroz dos crimes, fazendo do proprio ventre, leito de agonia e de morte dos filhos, e aqueles que vos ajudam, e aqueles que fecham os olhos, e aqueles que, devendo castigar-vos a todos, se sorriem complascentes, e vos asseguram, pela absolvição, a liberdade de matar, sois todos execraveis...

Mas ai de vós, porque sois todos malditos, e haveis de lançar sobre vós mesmos a maldição.

Que se julgaes ir ter juiz diferente de vós proprios, enganai-vos; pois cada um será acusador, defensor e juiz, simultaneamente, de si proprio.

E então vereis como a Justiça é inviolavel, e cada um é julgado segundo as suas obras.

E não vos esquecereis delas, que hão-de surgir-vos bem iluminadas, firmes e indeleveis, diante de vós, para onde quer que vos volteis, porque fazem parte de vós; ou direi antes, porque elas e vós é tudo o mesmo.

E como aquele a quem se amputa uma perna, sucessivos anos tem a impressão de dôres no sitio ela estava, assim vós, que julgais a morte sinonimo de quietação eterna, não só entrareis, morrendo, em consciencia plena e vos vereis a uma luz á qual nada se esconde, como tereis a impressão de levardes comvosco o proprio corpo, visto que, tendo vivido só para ele, as imagens de todas as impressões e sensações permanecerão mais vivas do que nunca.

✱
Guerra
Junqueiro

E continuareis a ter todos os desejos do corpo, sem logrades satisfaze-los.

Ardereis em sêde e fome; e todas as miserias e podridões do corpo pesarão sobre vós, porque serão elas o vosso tormento.

E ninguem ouvirá as vossas suplicas e ninguem enxugará as vossas lágrimas.

Aquelas que tiverem dado a morte aos filhos dentro do proprio ventre, hão de sentir os maiores horrores perante a sua perversão maldita.

Porque, sem se poderem libertar da ilusão de arrastarem o peso do corpo, para o qual viveram sómente, sentirão no ventre as dôres de uma chaga aberta; e todo o ventre será uma chaga.

E hão de sentir o corpo a apodrecer pelo ventre; e verão os filhos que mataram, sempre de olhos fitos, implacaveis; e ouvirão os gritos cortantes das suas agonias.

E hão de ouvir, na solidão de gelo, o éco sarcartico dos seus lamentos; e as suas lágrimas serão gôtas negras do silencio esfingico que as envolverá.

E a consciencia, despertada á custa de tormentos, gritar-lhes-ha: Malditas!»

. . . .

E a voz meiga, que se fazia em luz, disse-me: *Escreve, porque estas palavras são muito fieis e verdadeiras.*

. . . .

NO PROXIMO NUMERO:

Artigo de Aquilino Ribeiro sobre o pintor Manuel Jardim † — de Antonio Ferro sobre o pintor Armando de Basto †

EL MADRIGAL DE LAS ROSAS

Para Leticia quiero rosas,
dije al entrar en el jardim,
y ya las rosas, orgullosas,
solo pensaron en su fín ..

—A mí, decia la mas bella,
me clavará en el prendedor,
junto al coral, junto a la estrella,
y sobre el tibio seno en flor—

—Y yo, decia la encendida,
llena de loco frenesí,
sentiré el ritmo de su vida
sobre su boca carmesí—

✸
Guerra
Junqueiro

—En el cabello de Leticia,
mi último aroma exhalaré...
—Mientras su mano me acaricia,
de placer me marchitaré...

....

Y en aquél concierto abrileño,
la rosa pálida clamó:
—¡yo seré quien vele su sueño!—
!Y de emoción se deshojo!

EL MARQUEZ DE QUINTANAX
CONDE DE SANTIBANEZ DEL RIO

Quatro Sonetos para a "Lampada de Argila„

Poema Religioso por AMERICO DURÃO

I

A' MEMORIA DE SOARES DOS REIS

Ando triste e descrente. Nem sei bem,
Se ando mais triste, ou mais descrente. A vida,
Para mim, lembra a resa dolorida,
Que num sarcasmo, ás vezes, se contem!

Sob a mascara fria do desdem
Arde a minh'alma numa prece erguida:
E oculto a rir o mar de dôr vencida
Que nos meus olhos fundos se detem.

O' Sonho, ó Dôr, vibrais no mundo todo!
E ergueis a Deus, nas vossas mãos em prece,
Minh'alma e o meu corpo,—Ceu e lodo.

O sonho morre em lagrimas desfeito...
—E agora, de tão alta, a dôr parece
Ser divina Alegria no meu peito!

II

A LEONARDO COIMBRA

Possui-me a tentação de afrontar Deus!
—Se a alma apenas pelo amor é grande,
Eu posso bem fazer com que Deus ande
A guiar os seus passos pelos meus!

Ebrio de amor rasguei todos os veus,
Meu coração na luz ao Ceu se expande!
Já nada existe, ó minha Mãe! que abrande
Esta blasfemia de ir alem de Deus!...

Num grande abraço de piedade e amor,
Envolvo o mundo, a soluçar de dôr,
Beijando o lodo e as pedras dos caminhos...

E sendo, embora, altivo como o sol,
Sou na alma a canção dum rouxinol,
E a doçura humilissima dos ninhos!

✱
Guerra
Junqueiro

III

A RAUL BRANDÃO

Imolo a vida em holocaustro ao mundo,
Sobre um altar de lagrimas e dôr.
Eis o instante de dar-me... Horror, horror,
Nasce um luar de morte ermo e profundo!

Erguido a Deus, sonambulo de amor,
Os olhos de alma, palido, circundo...
De lagrimas extaticas inundo
Meu coração,—a chaga aberta em flôr!

E já a morte, a silenciosa esfinge,
Meu livido perfil, aos beijos, cinge
Dum misticismo virginal de efebo...

Cheio de graça, eu vou, emfim, ser Eu!
—Corpo da morte e alma erguida ao Ceu,
A Deus, nos olhos humidos, recebo!...

IV

A' Memória de GUERRA JUNQUEIRO

Meu Deus, pois me ordenaste que viesse
A' Terra em penitencia singular,
Desce ao meu Ser num raio de luar
E abandona os meus labios numa prece!

Toda a minh'alma vibra e se enternece
Na mistica alegria de se dar..
Eu amo e sofro palido a cantar,
E o coração de amor me desfalece!

✸ Guerra Junqueiro

Divina e fluida a tua Graça alaga,
Tal um beijo de amor sobre uma chaga,
Meu Ser de luz e lagrimas precoces...

E eu sei, Senhor! vem-me de ti somente
A emoção, que em meus olhos fez nascente
Das piedosas lagrimas tão doces!

CONTEMPORANEA MUSICA

A PROPOSITO DA PHILARMONIA

Divagando à vuela pluma—*A proposito do* quartteto *de Beethoven — Inicios do movimento wagneriano em Portugal — Uma velha brochura anti-wagneriana — Um paladino estranjeiro da lingua portuguêsa e sua musicalidade — O nosso* lied — *Estadios de renovação do gosto musical nos ultimos quarenta anos: Rey Colaço e Viana da Mota — Musica de Camara e musica sinfónica — Tentativas orfeónicas — Um grande programa — A «Pro Arte», Francisco de Lacerda e os concertos sinfónicos de S. Carlos.*

Historiemos um pouco.

Há tempos, para comemorar o aniversario natalicio de Antero de Quental, escrevi para *A Patria* umas linhas em que se fixavam algumas recordações pessoaes que se prendiam com o inicio das curtas relações que tive

com o grande poeta e admiravel pensador. Aí me referia á audição de um *quartetto* de Beethoven a que eu tive o prazer de assistir, ha uns 36 anos. Eram executantes: Nicolau Ribas, Marques Pinto, Moreira de Sá e Cyriaco de Cardoso. Entre os assistentes achavam-se Antero e Oliveira Martins, que conheci pela primeira vez, se me não falha a memoria. Sobre o *adagio* do *quartetto*, que eu supunha ser o penultimo do famoso compositor, pronunciou Antero esta expressão:

— E' a *rêverie* de um Deus infeliz.

Achei curiosa a coincidencia de êste modo de pensar com o de Wagner. Mas dias depois o meu velho amigo Moreira de Sá rectificava a minha informação num postal que me escreveu e do qual transcrevo as linhas seguintes:

«Li com interesse o teu artigo na *Patria* sobre Anthero de Quental, mas permite-me duas rectificações.

O dito do Antero foi a respeito da *Cavatina* do *quartetto* em *lá menor*, e o de Wagner é relativo á Introdução do *quartetto* em *dó sust. menor*.

Não é exacto que em 1885 houvesse entre nós, musicantes, tão apoucado conhecimento de Wagner como dizes. Em 1872 reuniamo-nos a miudo em casa do Marques Pinto aonde o Joaquim de Vasconcelos levou a partitura de piano e canto do *Tannhäuser*, que o Miguel Angelo nos leu, *inteiramente*, mais de uma vez, assim como a do *Lohengrin*, que eu mandei vir e que o entusiasmou, principalmente o dueto de nupcias.

Guerra Junqueiro

No ano seguinte publiquei eu um folheto dedicado ao M. Angelo, no qual expuz noticias ácerca das obras de Wagner e sua importancia, folheto êste que o Cyriaco apreciou muito.»

A minha memoria traíra-me.

E o interesse das palavras de Antero desvanecia-se como fumo, reduzindo-se a uma interessante frase literaria.

Tudo me leva a crer que, em tal assumpto, o testemunho de Moreira de Sá deve prevalecer sobre o meu. Mas tudo tem compensações. E as noticias que o notavel musicólogo e professor me dá sobre a introdução de Wagner em Portugal indemnisam-me, em grande parte, do meu desastre.

«A' quelque chose malheur est bon »

Devo entretanto dizer que sobre a difusão do wagnerismo entre nós eu não fui tão formalmente negativo como pode depreender-se do desmentido que transcrevi. Num ponto se enganou o meu amavel corrector.

E' quando afirma que a peça caraterisada por Antero era a *Cavatina* do *quartetto* em *lá menor*.

Dois musicos eminentes dos mais categorisados verificaram na minha presença que o *quartetto* em *lá menor* não tem *Cavatina* mas sim o *quartetto* em *si bemol* (op 130). Aqui é que me parece que não há engano, e se o há deslindem-no os meus três amigos. Também quiz ouvir a *Cavatina*.

Lida ao piano e por quem tão bem conhece Beethoven não me pareceu que de modo algum se tratasse de uma *rêverie* e menos ainda de um Deus infeliz. E' antes a tradução de um estado de alma caracterisado por uma tranquilidade descuidosa, quasi idílica.

Refugiei-me, como n'um ultimo reduto, na ideia de que a musica é por naturêsa a linguagem da imprecisão e que talvez por isso ela diz muitas vezes o que nós queremos que ela diga, mais do que o pensamento intimo do compositor.

Mas eu não quero passar adeante sem dar, talvez, uma novidade a Moreira de Sá.

E' que em 1883, o bom do Frondoni, que eu ainda conheci em velhice avançada, publicou um folheto de critica ao *Lohengrin* a que não falta interesse documental, pois reproduz os principais artigos de acusação, então correntes, contra o assombroso creador do drama musical moderno. O *Lohengrin* subiu á scena em S. Carlos, em 14 de Março de 1883.

Era a entrada de Wagner na nossa scena lirica, com Giuseppina De Reské, Pasqua, Barbaccini, Navarrini e o baixo De Reské.

Só dez anos mais tarde devia executar-se no mesmo teatro o *Navio Fantasma* (3 de Março de 1893) e o *Tannhäuser* (23 de Dezembro): aquele, com Arkel, Garavaglia, Colli, Tabuyo, Rossi; este, com Andrea Carrera, Morini, Penchi, Maina, Kaschmann, Sabelico.

O bom do Frondoni recapitulava, como disse, as censuras que então caiam sobre o sistema de aquele que um critico francez chamava, não ha muito, o Moloch de Beyreuth: a musica sacrificada á poesia; a melodia sacrificada ao recitativo; abuso dos efeitos tonitroantes; muita sciência e pouca inspiração; a orquestra suplantando o elemento vocal; e assim por deante. O critico não admitia tambem a preferência pelos temas fantasticos, que taxava de frivolos. Os assuntos historicos ainda se consideravam seriamente como mais adequados á expressão musical. Frondoni dera tambem um exemplo desta preferência nas poucas e más operas que escreveu. Manda contudo a justiça dizer que a parte menos espectaculosa da sua obra foi a mais interessante; e que o autor da «Maria da Fonte» e do «Rouxinol das salas» nos deixou cantilenas cuja estilização as impôs ao gosto popular, iniciando uma corrente nacionalista que um outro estrangeiro, Salvini, devia prosseguir em condições mais perfeitas no seu *Cancioneiro musical português* (1866).

E aqui direi, porque o facto ou é ignorado ou está esquecido, que Salvini no Prefacio do *Cancioneiro*, se ocupou primeiro do que ninguem da musicalidade da lingua portuguêsa, transcrevendo o conhecido panegirico de Rodrigues Lobo e perfilhando a serie da musicalidade decrescente de Colombat d'Isére, em que o italiano ocupa o primeiro logar, o português o segundo e o holandês o sétimo e último. Não se trata agora de derimir este problema da musicalidade relativa das diversas linguas, mas não me parece descabido acentuar a justeza das observações de Salvini, sobre o vocalismo do português, o nosso *ão* e o chiado dos nossos pluraes e o simpatico papel de defensor de uma causa que ainda hoje tem contraditores apezar do desmentido brilhante que oferecem algumas deliciosas composições portuguêsas dos ultimos vinte anos.

O ano de 1883, que é o da primeira representação de um drama lirico de Wagner em Portugal, assinala, sob outro ponto de vista, um estadio interessante da nossa cultura musical. Neste ano, com efeito, Rey Colaço, que frequentara com brilho os três centros musicaes de Madrid, Paris e Berlim, vinha fixar-se em Portugal, como pianista e como professor.

A sua natural distinção artistica, organização finamente poética e uma fé entusiastica na sua arte, indicavam-no para exercer em Lisboa uma acção profunda e uma renovação do gosto que se arrastava jungido a um reportorio cansado e sem elevação. Refiro-me a tendências geraes e evidentemente não nego a existencia de excepções de valor, que sempre houve. A vinda de Rey Colaço representava a integração do nosso meio nas correntes de música moderna, em que ele fôra educado e pudera seguir de perto. Era uma lufada de ar novo.

Mendelssohn, Chopin, Schumann, Beethoven, Bach, Haendel vinham substituir as marteladas fantasias sobre temas de opera que «arregladores», mais ou menos notórios, tinham conseguido introduzir no mercado O nivel visivelmente subiu; o gosto guindou-se; a boa literatura do piano difundiu-se; e atraz de esta vinha a curiosidade inteligente por todas as manifestações de uma arte mais pura. A ditadura da musica italiana, exercida por uma scena lírica de tradições cheias de brilho, tinha de declinar. Sob a mesma ditadura viveram outros países que só tambem recentemente rasgaram horisontes novos. Aí está a Espanha sobre a qual ainda não ha muito nos elucidou com proficiencia e autoridade indiscutiveis o ilustre compositor Conrado del Campo. A vinda de um pianista, musico e musicólogo da estatura de Viana da Mota marca outro estadio. A sua influência consolidou-se quando o artista pôde harmonizar as suas digressões de concertista com uma permanência mais regular, que lhe permitiu entregar-se de coração ao ensino do piano. Um conhecimento mais completo e extenso da obra de Bach, Beethoven, Chopin, Cesar Franck e Listz tinha de ser a primeira conseqüência do facto apontado.

Ainda não há muitos annos, Listz era pouco mais do que um brilhante rapsodista para a grande maioria do nosso publico *dilettante*. E' incontestavel que foi Viana da Mota quem pôs em relevo a grandeza deste músico genial e o parentesco artistico que o prende ao fundador do drama musical moderno.

* Guerra Junqueiro

A música de câmara, por circunstancias de diversas ordens, sobre que teremos de voltar, não achou ainda entre nós um meio propício ao seu desenvolvimento regular. A tentativa (há bons quarenta anos) de Miguel Angelo com os seus companheiros Ribas, Marques Pinto e Casella, deve registar-se; em Lisboa, foi Miguel Angelo Lambertini quem por mais tempo manteve o culto desta música, ainda que com intercadências, até á sua completa extinção. A música sinfónica, que teve na Associação 24 de Junho um meio de acção de certo valor, foi vegetando entre alternativas, até renascer, esporadicamente, com uma tentativa de Lambertini, implantando-se definitivamente com a organização da orquestra de Pedro Blanch, que, na realidade, balisa entre nós o início dos concertos orquestraes regulares, proliferando em tentativas de maior ou menor exito.

Está tudo feito?

Muito longe disso.

Ha tentamens orfeónicos que são dignos de considerar-se, mas todos de pouca dura; emquanto se não constituir uma autentica *Schola cantorum* entre nós ser-nos-ha vedado completamente um dos maiores dominios e dos mais altos da arte musical. Refiro-me á musica religiosa. Quando ouviremos cantar os *Evangelhos* de Bach ou o *Messias* de Haendel? Ha muitos anos que faço esta pregunta e confesso que ainda não perdi a esperança de uma resposta positiva. Pois há na Suiça terras de quinta e sexta ordem, em que o grande repertorio coral é pouco menos que familiar.

Mas na esfera da música sinfónica ha ainda muito que desbravar. A estes dois desiderata responde a nova organização «Pro Arte» a cuja frente vejo o nome prestigioso de Francisco de Lacerda, um músico illustre, que depois de ter dado provas excepcionaes da sua larga competencia em teatros

mais vastos, vem agora fixar-se entre nós, pondo a sua energia e o seu talento ao serviço de uma grande causa, a causa da boa música.

Os dois concertos já realizados equivaleram a duas admiraveis afirmações dos seus todes incomparaveis de regente de orquestra. Quasi todas as peças executadas nas duas audições eram conhecidas do nosso público; mas sem desprimor nem menos reconhecimento para tentativas anteriores a que nunca regateamos o louvor merecido, forçoso é confessar que nas duas audições de S. Carlos a *Filarmonia* demonstrou qualidades de fusão, graduação e discriminação ainda não atingidas, sendo para notar-se uma variedade de colorido e uma propriedade expressiva e um sentimento poetico, de que foram ampla demonstração a *Pastoral* de Beethoven, os trez trechos dos *Mestres Cantores* e a forma finissima como foram acompanhadas as peças de violoncelo, executadas por essa artista maravilhosa, por vezes tocada de génio, que é Guilhermina Suggia.

Não nos faltam pois elementos de primeira ordem para ir realizando o muito que nos cumpre fazer. Não é ai que está a nossa doença. Tudo dependerá de uma coordenação inteligente de esforços. Para que esta coordenação se opere, é indispensavel que todos os particularismos e personalismos se dissolvam perante o fim a atingir. Se perdermos este de vista, para nos exgotarmos em pequenas lutas de vaidade ou de capricho, melhor seria renunciar desde já a qualquer empreendimento sério e levantado.

Junho de 1923.

MANUEL RAMOS.

Por erro de paginação no ultimo numero, quasi inutilisamos a composição musical do nosso ilustre colaborador sr. Claudio Carneiro, porquanto se encontra a pagina 87 no logar da pagina 86, e esta no logar d'aquela.

Ao nosso querido colaborador, e aos nossos leitores pedimos desculpa do lamentavel engano.

✱
Guerra
Junqueiro

CRONICA

Um violino, um violino como o de Paul Kochansky, e uma sugestão aos sentimentos frivolos, os que estão dispostos no lado mais facil da alma. : Não ha aqui logar para um grande poder emotivo, toda a nossa covarde compostura se deixa penetrar duma doçura que não é sonhada, que está apenas na carícia superficial da péle. Porisso um violino, como a guitarra de Dom João, enrosca o som na curva sensual da carne feminina, não a deixa socegada e o calma; o paroxismo dessa arquitetura complicada, facil como o vidro, nem sequer tenta penetrar a meditação. A dificil *jonglerie* merece a nossa admiração, mas nunca o nosso piedoso recolhimento.

Logo uma sonata de Beethoven, para violino e piano, é uma expressão afiicta, paradoxal, não se explica em face do psiquismo, mil vezes genial, do grande musico que escreveu o traço d'união entre a Humanidade e Deus. Numa sonata de Beethoven para violino e piano, temos que esquecer o violino para compreender Beethoven. Paul Kochansky foi nobre, pois eu não me lembro de lhe ter ouvido o violino a tocar Beethoven...

✱
Guerra Junqueiro

A sintese de Paul Kochansky, a sua grande expressão intelectual, não está, segundo muitos, no *nocturno* de Kymanowsky. Musico moderno, artista das tonalidades mais decadentes, mais avançadas, o grande artista consegue libertar a sua tecnica, torna-la simples, mas no *Hino ao Sol*, de Rimsky. Qu'importa que as mulheres não compreendessem? Que faz que a sensualidade sugestiva dessa arcada sublime fosse a delicia mais intima ou a menos consagrada? Se o *Hino ao Sol* é a maior verdade instrumental e emocionante do violino de Kochansky...

Tomás Teran, uma grande creança, da simpatia da «Contemporanea», tão amimalhada dos artistas portugueses, toca, sempre com muito interesse, a *dansa del amor brujo*, de Manuel de Falla, e a *valsa n.º 5*, de Granados. Eu tenho medo que estas expressões se popularisem, porque a arte de Teran não é inexgotavel. E desejando que outros *debujos* espanhoes aparecessem nos seus dedos (evoco Tárrega e Albeniz), permito-me aconselhar d'aqui, aproveitando a sombra deste canto, que não nos toque mais Listz nem Chopin. Passada a hora do debute Tomás Teran é entre nós um artista, um grande artista da musica espanhola. Porque não ha de ele tocar-nos a Espanha toda, desde as *alboradas gallegas* ás teorias sonhadas, sombrias da Catalunha?

E' justo lembrar os acompanhamentos de Teran, nobres, sacrificados, inteligentes, nas noites de Paul Kochansky, na Sociedade de Concertos. Sem esse sacrificio o volume de som do violino, teria resultado menos expressivo e intencional. Tomás Teran foi o socego de nós todos os que ouvimos, e do polaco, que tocava...

No Politeama organisou a «Contemporanea» um concerto para Rui Coelho; e o compositor teve, nessa tarde isolada, uma pleiade de artistas a ouvi-lo com muita atenção.

Alcacer, uma suite bosquejada e facil, cheia de pormenores e côr, baralha motivos longes com motivos presentes. A tentação infantil predominante, torna o descritivo duma grande levesa imaginativa. Ha sugestões, na nossa mente cançada e saturada, do pincel de Eduardo Viana e de alguns versos, raros, de Augusto Santa Rita. *Alcacer* é afinal, depois da *vila*, pintada a vermelho, um mosaico tecido d'arabescos e cuja falta de continuidade estilisa, ela mesma, a emoção que se vai construindo e destruindo.

Cuidar da *Suite Rustica* é recordar a vida da Montanha, que na obra de Rui Coelho passa por demais teoricamente, alfinetada em pregas nas rubricas do drama «Os Lobos»; *aleluias na Serra* é uma situação dramatica na obra de teatro; na peça musical é um contraste com a vida taciturna da montanha, onde uma tristesa vaga, indefinivel, perpassa nos silencios, vive na paisagem como nas almas. A alma da Serra está no *folklore* beirão, — e esse é de toadas lentas, brandas como «berceuses», tristes por indole, por se copiarem no escarpado das encostas, na dificuldade da terra.

Graça (das canções de Saudade e Amor) é um lindo trecho, duma frescura de linho, copiada talvez da melhor indole, do mais lindo rosto de mulher. E' a nosso ver, uma expressão

flagrante da melhor arte de Rui Coelho. O compositor tem, na intenção da redondilha, a sua pujante exteriorisação d'artista. Para que ha de ele, conseguintemente, escrever-nos em heroico ou em alexandrino?

Maria Antonieta Lima Cruz tem uma cabeça linda, e no olhar a miopia mais doce, mais teorica, de quantos talentos ha. Busto vermelho, ombros perfeitos, qu'importa que as notas do *Maschere* fossem d'ela ou recordassem Schumann, que ouvesse nela uma intenção propria ou uma sugestão? E' tão linda a cabeça de Maria Antonieta Lima Cruz. . .

Nas *Cantigas d'Amigo* ha um travo barbaro, quasi flagrante. E' n'*A de muy bom parecer*, sob versos de Martim de Grijó. A expressão louçan, medieval, transparece, evoca, ha um momento de dominio, bem marcado. Mas logo nas *Cantigas de Romaria*, no *Sam Cremenço do Val*, de Nuno Fernandez Torneol, Maria Antonieta esquece uma psicologia torpe, á «Ribeyrinha», «ca por outra maneyra non podria del vingada ser» deixando apenas evoluir o ritmo bailado, incapaz da menor sugestão.

E para que falar de *Dieu Pan*, com versos de Lecompte de Lisle? Maria Antonieta, que sabe ela de Pan? Num canto italiano, com acompanhamentos debussistas, a expressão é incongruente e por demasiado literaria. As mulheres devem ser, como Maria Antonieta, ingenuas e ignorantes. A Pan falta, na composição de mademoiselle Lima Cruz, o «panico , e á compositora o conhecimento d'aquela verdade objectiva que é o unico apoio dos homens-artistas quando vão colher os vestigios de Deus, por esse mundo fóra. . .

Guerra Junqueiro

O quarteto de Haia trouxe duas noites elevadas á Sociedade de Concertos. Bem sabemos que ali mesmo passaram os quartetos Rosé e Poulet, o primeiro dos quaes deixou um rastro luminoso em a nossa emotividade. Mas nem por isso fica vedado a est'outro um logar de admiração. O quarteto de Haia, formado recentemente, representa um esforço honestissimo e a homogeneidade dos seus elementos uma verdade quasi flagrante.

Eu julgo que a mais alta expressão Beethoveana está nas sonatas e nos quartetos de corda. Nestes, como naquelas todos os andamentos são partes intrinsecas dum todo psicologico encaminhado, duma directriz intencional. Um andamento que falte e logo o desiquilibrio corrompe a emoção, lhe põe febre, a desnorteia, assustada e gasta.

E' frequente ouvirmos dizer após qualquer interpretação dos quartetos de Beethoven: — «Gostei muito do *adagio* e menos do resto. » — parecer de uns; e outros: — «O *allegro* foi tocado admiravelmente». Outros ainda afirmam ter sido o *presto* ou o *allegretto con variazioni* o que mais os encantou. Todavia os interpretes tocaram o quarteto com uma rigida egualdade.

O que deixa perceber, nestas escolhas do ouvido de tantos, a simpatia animica de momento por esta ou aquel'outra face da obra inteira, da obra egual. E este caso só se dá com Beethoven. Porisso Raymond Duncan afirmou algures que Beethoven, scientista, «tratou de interpretar a musica natural, uma musica que está fóra d'ele mesmo».

O quarteto em fá maior op 96, de Dvorak é um agregado facil e melodico, gracioso, que alastra nos sentidos, afagando-os, mas que não importuna a alma. Destacando o *allegro* e o *molto vivacce* temos notado as expressões mais bizarras do quarteto, as que, adaptando-se ao ar da sala de concertos, se casaram com ele para amenisação de quasi todos.

Henrique Vieira da Silva deu uma tarde no Salão do Conservatorio, apressadamente, a sua primeira audição publica.

E como se trata de alguem, cabe apontar nesse joven pianista uma tecnica inteligente e disciplinada, sendo legitimo esperar que se resolva mais tarde, equilibradamente, na intelectualidade que a musica não dispensa para produzir a facil, a pura, a natural emoção de quem ouve.

Apontando o *Nocturno postumo* como o mais feliz de todos os trechos, queremos marcar o paradoxo de ter Henrique Vieira da Silva, um tecnico do piano, emocionado nele mais de que admirado no *Estudo n.º 11* de Chopin, ou na *Cavalgada* de Wagner-Tausig.

E' por isso que Vieira da Silva tem já a extrutura inicial dum verdadeiro pianista.

O 5.º concerto da «Contemporanea» apresentou na Sociedade Nacional de Belas Artes o baritono Enrico de Franceschi; acompanhou-o, na interessante conferencia que neste numero se publica, o escritor e critico musical Gastão de Bettencourt.

De Fransceschi, cuja bela voz, volumosa e grave, domina todos os registos, ao talante da

melhor intenção, pertence a uma escola moderna que torna o seu canto dum interesse sempre crescente e sempre insatisfeito.

Como cantor Enrico de Franceschi é notavel. Como artista é ele dum equilibrio que merece a nossa admiração. Preocupando o seu recital em madrigais da Italia seiscentista, ficam a par, na mesma altura, o artista e o cantor. E se o joven baritono deixou em Lisboa um publico de admiradores, póde contar tambem, depois do recolhido recital das Belas Artes, com a admiração de quantos o foram escutar a Barata Salgueiro, colher da sua voz noticia duma musica imensamente branda, sem teorias, quasi casta, e que, pertencendo hoje á erudição, foi, ha trez seculos, uma expressão popular que se perdeu.

A Filarmonia de Lisboa, com ser uma realisação musical bastante acima das orquestras congéneres, trás uma intenção inteligente, bem marcada, bem guiada, que vem colocar as possibilidades musicais de Lisboa num plano ainda ha pouco não previsto. Os seus concertos de Sam Carlos e do Coliseu, uns em noites de Gala, com o nosso primeiro teatro em festa, outro em noite de Sam João, a preços «ao alcance de todos», mostram o intuito simpatico de requintar alguns e educar o resto.

A obra é do Maestro Francisco de Lacerda cujo passado artistico pertence á vida lá de fóra e que, nesta altura da vida musical portuguesa houve por bem entrar néla e encaminha-la para a melhor directriz. E se alguma objecção ha a fazer em face de tão simpatica iniciativa é a de se lamentar a gente por não ter vindo ela mais cedo, porquanto desde ha muito se não cuidava entre nós de encaminhar, de multiplicar, de estabelecer a natural progressão do gosto popular, dando-lhe a ordem de sucessão que ele deve ter, e a que tem direito, fazendo-lhe ouvir, simples e belamente, tudo o que corrompido e tortuoso lhe tem passado no timpano cheio de fadigas.

Em boa verdade, nós não evoluimos nada nos ultimos anos, justámente naqueles em que a cultura musical mais pretendeu insinuar-se entre nós. Fazendo da musica antes um prazer do que um estudo, mais um cerrar de palpebras decadente do que um motivo de meditação e de préce, os portugueses deixaram ir os seus cuidados ao sabor de quem melhor ou peor os encaminhava. Ouvir musica por ouvir musica, tal o marasmo em que caira ha muito a nossa vontade colectiva.

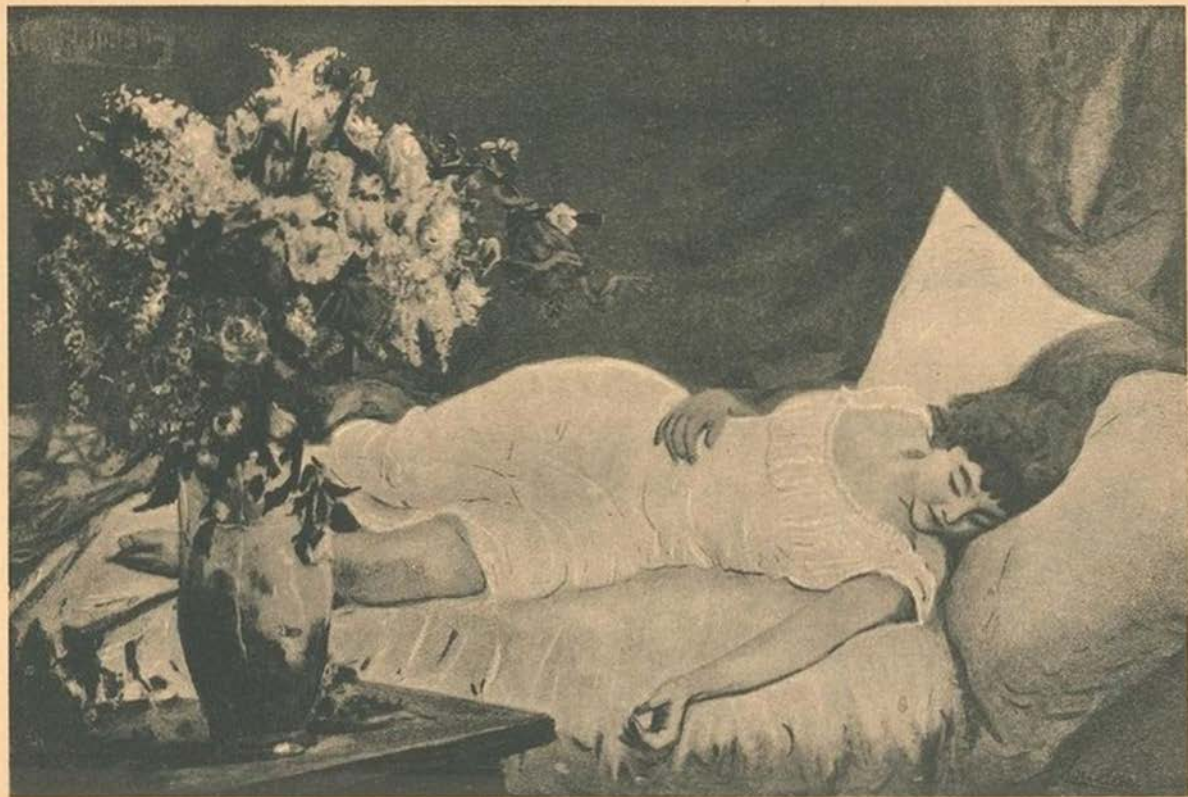
✱ Guerra Junqueiro

O snr. Francisco de Lacerda pretende agora, á frente da Filarmonia, fazer Arte, pura e simplesmente, descobrir toda a belesa da musica elevando-a, pondo dentro dela a razão da sua existencia, — quiçá a razão por que nós proprios existimos. Para isso, — é transparente a sua intenção, poz de lado tudo o que tinhamos aprendido e começou pelo principio: e deu-nos a *Pastoral*, a *Abertura de Juan*, Os *Mestres Cantores de Nüremberg*. No Coliseu fez mais, usou do metodo de João de Deus; e foram um *menuetto* de Rameau, o *Celebro Largo* de Haendel, a *Reverie* de Schumann. E em tudo, absolutamente em tudo, a tessitura foi tão facil, tão sugestiva das côres, a maneira de dizer tão clara e fresca, a intenção pictural e expositiva tão geometricamente disposta, que póde dizer-se, comparativamente, do Maestro Lacerda o que a «Contemporanea» registou nestas paginas sobre Brailowsky, o revelador de Chopin (para os nossos ouvidos lisboetas d'hoje), sobre Marius Gaillard, o revelador de Debussy: Francisco de Lacerda revelou uma orquestra portuguesa.

E a Arte de Suggia? onde ha ouvidos que não tenham ainda, fresca e mimosa, a recordação dos seus dedos magicos, a musica d'aquela admiravel *Suite* de Bach, em que o seu violoncello foi bruxo, em que ela foi diabolicamente divina, com a sua graça, o seu encanto, a deliciosa mentira da sua atitude, sobretudo o condão irresistivel de dominar o seu violoncello, — ela, uma mulher! e de o ter ali, instrumento de bem expressa masculinidade, rendido ao capricho mais facil das suas mãos.

Guilhermina Suggia teve, na noite de Sam Carlos, a expressão duma Santa realisando um milagre, o *Milagre das Rosas*, por exemplo. A sala, todos nós, ficámos cheios de flores, quando ela se foi embora...

Madame Louise Matha cantou imenso, nas ultimas noites da Sociedade de Concertos. A sua voz, branca como uma tunica de noviça, foi sempre egual, tanto para a *Iphigenie en Tauride*, de Gluck, a *Aria de Xerxes* de Haendel, como para as trez *Chançons de Bilitis*, de Debussy. Aqui não houve grinaldas, nem evocação grega, nem Amor. A *Flauta de Pan* não encantou, a *Cabeleira* não se desprendeu, exuberante e linda, a envolver os seios de Mnazidika na mais femenina das ternuras...

Louise Matha escolheu apenas, de entre o seu longo programa, um trecho belo para nos encantar: o *Enigma Eterno*, dos *Cantos Hebraicos*, de Ravel.

LUÍS MOITA

† EL REI D. CARLOS I
AGUARELA

NOTAS Á MARGEM DA VIDA

Guerra Junqueiro

Meu caro amigo.

Rebusquei os meus velhos papeis, para satisfazer ao seu pedido tão insistente como lisongeiro, de colaboração para a sua linda revista, e encontrei apenas os apontamentos que lhe remeto, destinados na minha intenção a outros tantos artigos que não escrevi nem escreverei. Eu, muito sinceramente, não os julgo dignos das paginas da Contemporanea, *mas se porventura pensar de modo contrario ficarei satisfeito com a minha consciencia porque quem dá o que tem a mais não é obrigado.*

HA quatro maneiras de escrever:
Muito e muito bem.
Pouco e ainda melhor.
Muito e muito mal.
Pouco e ainda peor.
Eu, digo-o sem falsa modestia, só sei escrever d'esta ultima maneira, mas tenho uma atenuante: é favor que me fazem não lerem o que escrevo.

TODOS os dias ouço lamentar a decadencia da nossa raça, a inferioridade do nosso paiz comparado com os outros paizes ao mesmo tempo que se exaltam as suas passadas glorias e a superioridade dos nossos antepassados em comparação com os portugueses de hoje.

Ora eu penso de maneira diferente. E' certo de que não deveria ser tão grande outrora, a diferença de cultura na nossa terra e no extrangeiro, é certo que de todos os paizes civilisados nós somos talvez o menos civilisado, mas não devemos, a meu ver, justificar esses factos por inferioridade nossa actual.

Julgo serem duas as razões da nossa aparente decadencia: somos poucos e ignorantes.

Vivi antes da guerra alguns anos na Alemanha, minha segunda patria pela cultura que nela adquiri, e que, pequena ou grande, é a que tenho; tenho um grande amor pelo nosso paiz, amor pela nossa paisagem, pelo nosso ceu e pela nossa luz, mas julgo com absoluta imparcialidade e indiferença os seus habitantes que colectivamente não estimo nem aprecio mais do que outros quaesquer, até julgo na sua metade masculina menos simpaticos e agradaveis ao convivio.

Antes da guerra a Alemanha era um paiz de sessenta milhões de habitantes, leis insofismaveis obrigavam-nos a todos a frequentar as escolas até aos quinze anos, inclusivé os anormaes que tinham para isso institutos especialisados; praticamente todo o alemão, ainda que fosse varredor de ruas, tinha a instrução que em Portugal corresponde ao curso geral dos liceus.

Entre nós havia seis milhões de creaturas das quaes só vinte por cento sabiam ler e escrever, e esta proporção infelizmente mantem-se ainda; parece-me não ir longe da verdade culculando que desse milhão de não analfabetos só cem mil terão o curso geral do liceu.

Temos portanto cem mil portuguezes a comparar a sessenta milhões de alemães, seja um para seiscentos.

✸
Guerra
Junqueiro

Ora se a civilisação de um paiz pudesse reduzir-se a numeros eu estou convencido que *proporcionalmente* a nossa não é seiscentas vezes menor do que a alemã.

O numero dos seus sabios e dos seus artistas é muito superior ao nosso mas não seiscentas vezes maior. Berlim é uma cidade muito superior a Lisboa mas não seiscentas vezes. O mesmo diremos de Hamburgo do movimento do seu porto, etc.

Outros factores ha ainda a considerar que todos nos são adversos: a nossa situação geografica, afastada do centro da Europa, a dispersão dos nossos poucos portugueses pelas nossas colonias e Brazil, e a massa enorme de analfabetos desempenhando o papel de substancia isoladora ou de peso morto que os raros cultos teem que transpor ou que arrastar.

Assim chego á conclusão de que cada portuguez instruido tem de contribuir para a colectividade com um contingente de esforço incomparavelmente maior do que o habitante de qualquer dos paizes da Europa central ou America, esforço caracterisado por maior inteligencia, maior trabalho, maior actividade.

Se assim não fosse nós que apezar de tudo estamos tão longe de atingir o grau de civilisação desses paizes seriamos somente comparaveis com Marrocos ou com a Abissinia.

Menos fizemos no passado. Nesses tempos não eram a instrução e o numero os valores dominantes. A força fisica ou o arrojo individual tudo ou quasi tudo conseguiam. Tivemos os Viriatos, Gamas, Albuquerques, etc. e os outros tiveram os seus Anibaes, Colombos, Napoleões.

Quando estivemos em igualdade de condições fizemos tanto como os outros hoje que estamos lutando com todas as inferioridades produzimos *proporcionalmente* muitissimo mais do que eles.

Por isso eu sem estar obcecado por uma simpatia que não tenho, sou apologista do valor e da inteligencia da nossa raça. *

---

* Estou corrigindo as provas d'estas notas no dia 26 de Junho no expresso Lisboa-Porto. Sacadura Cabral que casualmente viaja comigo n'este mesmo salão e a quem não conheço pessoalmente sugere-me um novo argumento em apoio d'esta minha teoria.

Se compararmos a descoberta do Brazil com o seu raid, vemos que Alvares Cabral no seu tempo tinha poucos ou nenhuns concorrentes; possuiamos tudo quanto era necessário para as viagens de descoberta: navios, marinheiros e até a situação geografica priveligiada; atualmente conta-se por mi-

Levei muito tempo a lutar contra as regras a que os meus olhos estavam habituados antes de poder perceber a interpretação da arte a que actualmente, por comodidade e generalisando, se chama futurista. A sua justificação foi-me sugerida casualmente; digo a sua justificação quando afinal eu ignoro se tenho razão ou não, mas enfim para mim mesmo, é como se a tivesse.

Um dia entrei numa linda sala, mobilada e guarnecida com o mais requintado gosto, cheia de objectos d'arte e belos quadros.

Procurei naturalmente o melhor logar para ver os quadros cada um de per si sem olhar para os outros, demorei muito tempo a ver uma pequena estatueta, que no meu gosto se avolumou e cresceu e reparei mais rapidamente para um grande movel que foi mais pequeno para a minha atenção.

Depois pensei: um pintor á antiga se quizesse desenhar aquela sala escolheria como um fotografo a melhor posição para reproduzir, obedecendo ás regras fataes da perspectiva o artistico interior; a estatueta que eu tanto admirara ocuparia uns centimetros quadrados de tela, o grande movel que superficialmente me interessara toma-la-ia quasi toda.

O modernista de valor deveria, a meu ver é claro, ao desenhar o mesmo assunto dar aos objectos as proporções, não que a perspectiva lhe mandara, mas que a sua atenção lhe emprestara, reproduzir-lhe os quadros não na convergencia das linhas, mas cada um na posição natural em que maior encanto lhes achara. Numa palavra: apresentar-me novamente a sala não como ela é geometricamente vista de um determinado ponto mas tal como a sua memoria artistica a materialisara.

Ha duas especies de beleza, a absoluta e a relativa. Em absoluto em tudo ha beleza, um corcodilo ou um gorila podem ser belos... no seu genero, mas horrorosos se os compararmos com a Venus de Medicis.

✱
Guerra Junqueiro

Ha belezas que se harmonizam, se exaltam entre si, outras que se contrariam. O deserto sem fim a encher o horizonte ou os fords de Noruega a encurta-lo são igualmente belos mas não podemos concebe-los completando-se mutuamente.

Nos seres animados a beleza tem alem da forma uma outra dimensão: a vida ou seja o movimento.

Se supuzermos que uma linha qualquer se desloca em relação a um eixo imaginario obteremos uma superficie ou mesmo um volume. O corpo de uma mulher, as suas feições, podem ser considerados como geratrizes daquilo que nós realmente vemos, que é a resultante dos seus movimentos. Assim um rosto incorrecto pode ter as mais encantadoras expressões fisionomicas, um corpo pouco elegante pode originar as mais atraentes e sedutoras atitudes.

Por isso ha feias lindissimas e bonitas que só nos deixam indiferentes.

Os prazeres fisicos podem ser negativos ou positivos. Negativos chamo eu aqueles que só são prazeres por terminarem o estado de sofrimento em que antes nos encontravamos: beber quando se tem sede, comer quando se tem fome, dormir quando se tem somno, etc.

Prazer fisico positivo só ha um: o amor.

---

lhares o numero de aviadores que existe em todo o mundo todos eles desejosos de celebrisarem os seus nomes e de ilustrarem os seus paizes, tudo quanto para isso é necessário está nas mãos dos extrangeiros: os aparelhos, os motores, a gasolina, os navios d'apoio e principalmente o dinheiro. Pois apezar de tudo, foram os nossos aviadores os que realisaram o admiravel feito.

Não será isto mais um argumento a favor de superioridade dos portuguêses d'hoje comparado com os extrangeiros ou mesmo com os seus antepasados?

Li algures que Mommsen o celebre historiador alemão, dissera um dia num grupo de amigos: «Wir können uns die Römer nicht modern genug vorstellen», o que em português quer dizer pouco mais ou menos: nunca poderemos imaginar os romanos suficientemente modernos.

Tive ao ler estas palavras a satisfação que se experimenta ao vêr formulada por um grande espirito uma idea propria, sentimento este talvez explicavel pelo facto de pódermos aplicar a nós mesmos, com um pouco de boa vontade e uma grande dose de imodestia, o conhecido logar comum: les beaux esprits se rencontrent.

Era ha muito minha opinião, que o desideratum ou limite para que tende a cultura que nós hoje temos, se achou realisada em tempos pelos romanos e ainda mais pelos gregos, isto salvo pequenas diferenças mais de forma que de essencia.

Senão vejamos:

Ha tres pontos de vista verdadeiros eixos em torno dos quais giram todas as as modalidades da nossa actividade e que são, por assim dizer, elementos primordiais do edificio social futuro: o problema economico, a estetica e a higiene. Se conseguir demonstrar que a resposta a estes tres pontos de interrogação nos leva ao renascimento da cultura grega, e note-se que digo cultura e não civilisação, terei assim implicitamente demonstrado ser o neo-helenismo o futuro da sociedade.

* Guerra Junqueiro

Como todos sabem, muito se tem escrito e fantasiado acêrca do problema social, e sem querer entrar aqui em detalhes acerca das hipoteses de Fourier; Saint Simon e mais modernamente Belamy, Zola e Wells, não podemos deixar de notar que, com mais ou menos variantes, todos estão de acordo no ponto concreto da egualdade do nascimento. Todos os esforços logicos tenderão a abolir as diferenças entre os homens desde o momento em que elas não sejam producto do proprio individuo. Assim, hoje o que nasce rico tem sôbre outro de igual valor vantagens inaperciaveis; de futuro, porem, sendo todos apenas dotados de igual bagagem educativa, melhor poderá produzir os seus frutos, a lei da selecção natural entre os mais bem dotados e não entre os mais favorecidos. Deste modo teremos, logo que seja igual o patrimonio de instrução e a fracção de riqueza publica que cabe em partilha a cada homem, o dominio dos intelectuais estetas e sabios, isto é, dos melhores dotados pela natureza. De aí, a par de uma orientação mais elevada da forma social conjunta, o apagamento da individualidade daqueles que hoje tiram o seu predominio das diferenças de fortuna, espertesa para os negocios ou outras manifestações de actividade inutil ao meio, como é exemplo caracteristico a rabulice de alguns advogados.

Este ponto de vista parece ser comum tanto a socialistas como a individualistas, pois que, ou partamos do individuo para a sociedade ou inversamente; quer tomemos como dirigentes os representantes da maioria anodina e amorfa, quer admitamos o predominio da maioria dos previlegiados do talento, sempre teremos uma «elite» a dirigir a massa dos protectores, isto é claro, desde que admitamos a existencia de uma sociedade constituida.

A estetica que interessa o aspecto social, unico ponto que pretendo desenvolver, é a que constitui patrimonio comum; portanto, primeiro que tudo, a estetica urbana, isto é, casas, ruas, edificios publicos, e ainda o vestuario, pois que são estas as manifestações visuais da sociedade.

Ora a que nos levam as considerações anteriores?

Aos grandes edificios publicos monumentais, magnificos, acropoles, palacios de jogos e «sports», universidades, etc., e ao amesquinhamento da habitação particular, casas pequenas, vilas com aparencia modesta. Apogeo da vida colectiva e apagamento da individual. Acabam-se os palacios particulares, os jardins gradeados, domina o palacio da conferencia, o teatro educativo, a escola.

Qual a forma externamente mais visivel da higiene?

Nós sabemos que a orientação moderna é o regresso aos meios naturais, a cultura do corpo pelo ar, agua e luz, e assim temos os «sports» que quando plenamente desenvolvidos voltarão à forma gregra, por isso que ela nos forneceu os melhores exemplares da cultura fisica.

E assim teremos as grandes piscinas de natação, os jogos olimpicos, a tunica como unico vestuario, como unico trajo em que aparece o musculo e desaparece o chumaço.

Manifestações desta corrente que o espaço restrito me não deixa desenvolver temo las todos os dias. Alguns exemplos que de momento me ocorrem.

Os sanatorios de regresso à naturesa na Alemanha, as tendencias artisticas das modas femininas que vai buscar os seus encantos à belesa natural do corpo da mulher e não aos tufos, pregas e rendas, as danças modernas iniciadas por Isidora Duncan que dansou de pés nus ao som da musica classica nas ruinas de Atenas, e ainda as tendencias gerais da arquitectura e mobiliario; isto é, das artes aplicadas modernas que buscam o belo na harmonia das proporções, despresando o enfeite e o arrebique.

De tempos a tempos alguem apresenta ás entidades oficiaes propostas de vantagem colectiva e naturalmente pessoal para o proponente. A resposta costuma ser da parte d'estas: que o assunto deve ser estudado e que depois se abrirá concurso para vêr se aparece alguem que ofereça maiores vantagens do que o primeiro. E todos se revoltam com a ideia de que este iria ganhar mundos e fundos.

Resultado: desde que o negocio deixa de ser bastante vantajoso para o que o iniciou ou para os concorrentes ninguem mais se interessa por êle e tudo fica como dantes.

Ocorrem-me estas considerações a propósito d'alguem que propoz á Camara a construção do Parque Eduardo VII e a quem responderam na forma costumada.

Toda a gente sabe que o optimo é o maior inimigo do bom, que quem tudo quer tudo perde etc. Mas todos procedem como se o não soubessem.

Não será porventura perfeitamente licito que alguem que directamente concorre para o bem estar dos seus concidadãos ganhe muito dinheiro e faça fortuna? ou será preferivel que esses (visto que sempre ha de existir gente que queira enriquecer depressa e fácilmente) se vejam forçados por lhes cercearem todas as outras iniciativas, a traficar com os generos absolutamente necessários á vida como tudo quanto precipara comer, beber e vestir?

Uma das caracteristicas das raças do sul e a quem os portuguêses não fazem excepção é a de perderem tempo com coisas inuteis.

Tudo isto quanto deixo escrito na forma mais simples e intuitiva que sei fazê-lo, não tem pretenções a provas de talento nem sequer de originalidade mas alguma utilidade poderá ter, servido de sugestão a outros que completem e ampliem as minhas ideias.

Outros o poderiam ter escrito, certamente muito melhor do que eu em vez de fazerem versos á lua ou aos olhos seductores das suas amadas, o que muito os poderá interessar pessoalmente, mas muito pouco a quem os lê.

Mas então porque o não fazem?

ALVES D'AZEVEDO

✱

Guerra Junqueiro

Spell

From the moonlit brink of dreams
    I stretch foiled hands to thee,
O borne down other streams
    Than eye can think to see!
O crowned with spirit-beams!
    O veiled spiritually!

My dreams and thoughts abate
    Their pennons at thy feet,
O angel born too late
    For fallen man to meet!
In what new sensual state
    Could our twined lives feel sweet?

What new emotion must
    I dream, to think thee mine?
What purity of lust?
    O tendrilled as a vine
Around my caressed trust!
    O dream-pressed spirit-wine!

FERNANDO PESSOA

✸ Guerra Junqueiro

CARTA ABERTA AO PORTUGAL D'HOJE AO PORTUGAL DE VINTE E TANTOS ANOS

QUANDO eu desembarquei no Rio de Janeiro, êsse Rio de Janeiro para que Deus pintou alguns dos seus mais belos scenarios, o Portugal moderno, o Portugal Infante, o Portugal com olhos de estrelas e cabelos de ondas, era um segredo para o Brasil, um segredo absoluto, um segredo inexplicavel... Os escritores novos, todos aqueles que põem nas suas penas movimentos de locomotiva, todos os pintores cujas almas voam doidas, nas telas, como colibris, todos os dramaturgos que souberam fazer dos bastidores os autenticos scenarios, todos os escultores que sabem esculpir na carne com os proprios dedos, todos, enfim, que tentam fazer dêste Portugal de barbas, um Portugal escanhoado, eram desconhecidos no Brasil... Foi porisso que o Brasil me preguntou admirado, mal cheguei, se eu era o unico escritor novo de Portugal... Como outros que lá teem ido, que para lá teem escrito e que deixaram o Brasil na ignorancia da moderna arte portuguesa, eu podia tê-lo iludido, para minha gloria e triunfo, creando-me uma personalidade de excepção, mentindo-lhe e afirmando-lhe que eu era, na verdade, o unico escritor novo de Portugal. Não quis, porem, enganar o Brasil confiado e credulo. Contei-lhe tudo, disse-lhe a verdade toda. Atirei-lhe braçadas de nomes, flori-o com toda a mocidade do Portugal de vinte e tantos anos, icei, nos meus labios, o estandarte da alegria e atravessei o Brasil a gritar, a destruir a calunia, a calunia de que Portugal não era de agora, a calunia de que Portugal era Dantes, de que Portugal era Dantes... Para isso, evitei o cortejo civico dos consagrados, dos academicos, de todos os funcionarios publicos da arte. Puz-me antes em contacto com a mocidade do Brasil, timbre da Raça, unico Brasil, afinal... Foram os novos que eu procurei, foram os novos que me rodearam, foram êles que fizeram o meu triunfo, foram êles que afixaram o meu nome, em grandes letras, por todo o Brasil, nas discussões, nos jornais e nos livros...

Não quis protecções oficiais, não requestei comendas, afirmei ao primeiro jornalista que me entrevistou «que eu era o representante oficial de tudo quanto não é oficial». E, entretanto, novos do meu país, unicos a quem devo uma satisfação, antes de ser um modernista, eu fui, no Rio, um português... Eu fui o primeiro, no Rio, a falar, em publico, do avião maior, desse telegrama de tela e de aluminio, que Portugal mandou ao Brasil, o primeiro que soube ter fé quando o desanimo era total, quando os bravos aviadores viram seu vôo quebrado e, durante dias e dias, tiveram seu sonho encarcerado e ferido no presidio de Fernando de Noronha... A êsse discurso todos os jornais brasileiros se referiram com o maior entusiasmo e a maior crença em mim. A «Tribuna» terminava assim a noticia: «As ultimas palavras do orador foram abafadas pela maior e mais forte salva de palmas, a que nos tem sido dado assistir.» «A Noite», um dos colossos da imprensa brasileira, pela pena de Mario Ferreira, talentoso jornalista, desenvolvia um longo artigo à volta dêstes periodos: «A palestra do sr. Antonio Ferro, ontem, no Palacio Teatro, revelou-nos pelo calor humano da palavra, uma nova expressão de arte. Foi a palavra dêste audacioso malabarista da forma e do pensamento que iniciou nas prodigiosas originalidades da arte moderna os ouvidos, as atenções e os pensamentos do Rio». O importante jornal de S. Paulo, «Correio Paulistano», num admiravel artigo de Candido Motta Fialho, sintetisava assim, com incontestavel exagero mas com calor, a impressão recebida em todo o Brasil pelo meu discurso: «No seculo de Antonio Ferro os tipos representativos são Antonio Ferro, Sacadura Cabral, Gago Coutinho. Antonio Ferro é a mentalidade heroica duma patria, etc., etc...» Não cito mais. Cobriria a revista mas não tenho êsse direito, lembrando-me, sobretudo, de que esta revista não é uma revista de anuncios... Eu sei. Sou bastante impertinente falando de mim mas se o faço não é para meu orgulho, é para vergonha de todos aqueles que não o souberam fazer, que tendo sido espectadores do meu triunfo, o deturparam, numa falta absoluta de camaradagem que me indignaria se não me fizesse sorrir...

*

Guerra Junqueiro

Depois dêsse primeiro discurso, falei no Gabinete Português de Leitura, no Teatro Lírico, em quasi todas as festividades que se realizaram em honra dos aviadores. Alguns jornalistas portugueses ouviram êsses discursos, alguns me felicitaram, alguns se encontraram frente a frente com a minha popularidade, popularidade de que trago mil e um documentos... Cheguei a Portugal, convencido de que alguns dêsses jornalistas, habeis reporteres, tivessem feito, ao menos por instinto de profissão, a reportagem dos meus discursos, de toda a minha campanha patriotica. Ao contrario de tudo isso, encontrei calunias, encontrei miserias, encontrei torpezas...

Pois quê? Pois o meu triunfo não tinha sido o triunfo de todos? Pois a minha acção no Brasil, a minha acção de animador da arte moderna, não era motivo de orgulho para os meus patricios, para os meus camaradas? Pois não lhes tinha eu aberto caminho para novas viagens, citando-lhes os nomes, exaltando-lhes as qualidades? Pois não levei ao Brasil, como disse esse grande português que é Malheiro Dias, o sangue novo de Portugal, a vitalidade da minha raça, a força da minha geração? Pois não me receberam, em todo o Brasil, como um revelador? Pois não se colocaram, à minha volta, num abraço que jamais esquecerei, todos os novos do Brasil? Pois não teria sido isto uma gloria para Portugal, uma gloria modesta, uma gloria que não voou mas que se manteve firme, clara e altiva, sem quebras nem humilhações... Qual o motivo então por que se pretendeu transformar essa gloria honesta e lavàda numa derrota, numa derrota total e vergonhosa?

Pensei, pensei durante dias, esquivando-me a compreender, enojado com a

minha inteligencia que me fazia ver claro no que é tão escuro, no que é tão pobre, no que é tão triste... Hoje, porem, não hesito. Sei os motivos e vou dizê-los.

O primeiro, é porque em toda a minha viagem, como disse o grande poeta Guilherme de Almeida no discurso com que me apresentou em S. Paulo, não houve «patriotada oficial», fazendo eu, entretanto, «o melhor reclame da civilisação da minha terra». Sim. Eu fui ao Brasil sem credenciais, sem comendas e sem encomendas... Eu fui ao Brasil, comigo e com a minha arte, completamente só, só mas com a Patria... Porque hoje em Portugal para estar com a Patria é preciso estar só. Mas o motivo principal do silencio que se fêz à minha volta emquanto estive no Brasil, ainda não é este. O principal motivo vem de toda a minha vida, de toda a minha vida independente e serena, vem, ignobil e rastejante, da inveja, da inveja que me gagueja cumprimentos quando me encontra nas ruas e me calunia quando me apanha de costas... E ha sobretudo em mim uma qualidade irritante, uma qualidade que excita: A lealdade. Pois é lá possivel tanta indiferença pelas insinuações, pela ofensiva constante das reticencias?... Pois é lá possivel tanta generosidade, tantos bons sorrisos para a chuva infinita dos beijos de Judas? E' de perder a paciencia, é de perder a cabeça, de perder a cabeça com tudo quanto ela lá tem dentro: inteligencia, equilibrio, juizo, bom senso... Continuem, continuem escondidos, a sussurrar, a alcovitar, a jezuitar...

Eu seguirei o meu caminho, o meu caminho amplo e lizo sem olhar para traz...

Estou a vê-los, a vê-los sorrir, estou a ouvi-los murmurar: «Pois sim... Mas nem tudo foram rosas... Alguns ataques sofreu no Brasil...». Na verdade, é com orgulho que o afirmo, alguns ataques sofri no Brasil, muito poucos, infelizmente... No Rio, apenas um jornal protestou contra o meu triunfo. E quando da minha peça, alguns jornais de S. Paulo a atacaram, sob o aspecto moral, com uma certa violencia. Nada escondo, nada preciso esconder. Fui atacado no Brasil, fui discutido, mas nunca com a deslealdade com que tenho sido atacado no meu país. E os inimigos em Portugal não teem conseguido destruir-me os amigos, não teem conseguido tirar-me do meu logar. Bem pelo contrario, eu devo aos meus inimigos uma grande parte do meu nome. Já dizia Tolstoi: On peut faire que les ennemis non seulment ne soient pas une souffranee, mais qu'ils soient une force». E se em Portugal os inimigos não me teem prejudicado por que me haviam de prejudicar no Brasil, onde êles constituiam uma insignificante e mal cotada minoria? Um triunfo sem ataques, sem discussões não é um triunfo como uma invasão sem resistencia não é uma batalha. Sem ataques vai ser recebido o sr. Julio Dantas. Não é essa a gloria que me sorri, a gloria que eu desejo, aquella que sem a minha peça me teria falhado no Brasil... Só ha uma gloria que eu apeteço porque é a unica que me dá a consciencia da minha força: é a gloria arrancada como se arranca uma bandeira das mãos do inimigo. Essa gloria tive-a e ninguem ma poderá negar. A outra, a gloria unanime, tambem veio ter comigo mas não guardo dela tantas saudades... Peçam informações da primeira gloria, da minha autentica gloria, ao Brasil moderno, a todos os artistas novos, a todos aqueles que sendo o Brasil de amanhã são o Brasil de hoje, o Brasil de sempre.. Preguntem a Graça Aranha, o notavel academico que se pôs contra a Academia e a favor de Irreverencia, a Alvaro Moreira, a Ronald de Carvalho, a Monteiro Lobato, a Oswald de Andrade, a Olegario Mariano, a Guilherme de Almeida, a Menotti del Pichia, a Mario de Andrade, a Freitas Vale, a Paulo Prado, a José Carlos Macedo Soares, a Onestáldo Pennafort, a René Thiollier, a Elysio de Carvalho, a Renato Almeida, a Mario Ferreira, a Francisco Lagreca, a Rodrigo Octavio Filho, a Paulo de Magalhães, a Di Cavalcanti, a Carlos Drummond, a tantos outros, preguntem-lhes

o que foi a minha viagem, se venci, se fui vencido, se Portugal andou comigo ou andou com os que me caluniaram, aqueles cujos nomes o Brasil não sabe nem nunca saberá... Preguntem-lhes e emquanto a resposta não vem (que ela virá, mais dia menos dia) eu irei revelando a Portugal, num grande frizo de vitoria e de sonho, essa geração admiravel em cujos braços estive e que trouxe, para todo o sempre, na minha saudade e na minha inteligencia.

ANTONIO FERRO

Cantiga do Vinho Novo

Tragam-me um jarro de oiro
E uma taça das minhas!
Quero beber, provar o vinho loiro
Das minhas vinhas!

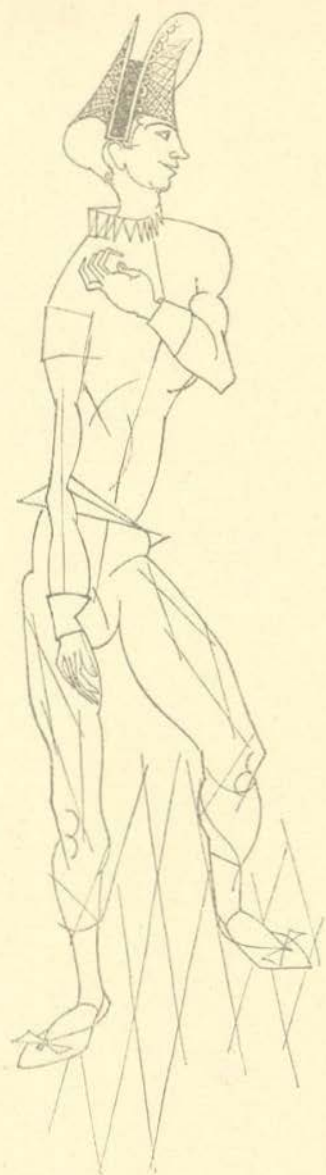
Quero provar, beber o vinho novo
Dos meus vinhedos;
Vinho doirado — côr de gema de ôvo,
Côr dos topásios dos meus dedos!

Vinho de San'Martinho
É vinho ruivo e forte como um toiro;
Tragam-me então um grande jarro de oiro
Para eu beber do meu vinho!

Tragam-me tambem aquela taça antiga
Em que beberam os meus;
Quero brindar a toda a gente amiga,
Beber em louvor a Deus!

Erguer ao Ar bem alto a minha taça;
E de alma e boca a rir,
Beber ao Sol, á Primavera, á Graça
Até cair!

AUGUSTO PINTO

Contemporanea

ALMADA
"DESENHO"

O BARRACÃO DOS ROMEIROS

Alma fechara a luz. Perdido à janella, Jorge d'Alvellos contemplava fóra a noite magica.

A serrania crestada parecia construir na distancia infinita um fundo de palco. A lua sobre ella despencava theatralmente. Apagaram-se um a um os reflexos vacillantes das aguas. Uma coruja gargalhou, voando perto da casa, no escuro. Lá em baixo um trem desenvolveu-se, passou, desappareceu — trecho rascante e vivo da terra desacordada.

E ficou tudo immenso e côr de nankim.

As rodas do troly mordiam o tijuco da estrada. Aquele morro calvo e negro, elle já o vira, com emoção, quando o tinham trazido para o collegio. E' o rio matinal e sagrado como outróra, sobre as pedras que cresciam junto á ponte.

Um ajuntamento colorido de feira gralhava na lama extensa da rua única. Mulheres mascaradas de gesso, prostitutas do Rio e de São Paulo, familias ingenuas, negras de trunfa. E o batuque guerreiro do samba media, por cima de tudo, o tambor secco, igual, com o caracaxá e o ribombo longinquo do bombo. Era Pirapóra.

Foi tomar o chapeu no quarto onde Alma permanecia, recurva no leito, lendo um volume rasgado de Dannunzio.

Andara na multidão. Penetrou de repente na Sala das Graças, em frente á igreja. Toda a humanidade como que se photographara para encher aquellas paredes enormes. Tanto milagre em tanta vida!

A uma esquina, um grupo de carnaval ia e vinha com musica e folhagens, festejando uma duzia de homens alinhados num barranco, impassiveis, soberanos.

Era a esmola de um baile perante um acampamento morphetico. No auge da competição dos corpos rythmicos, os dansarinos mulatos convidavam os lazaros com gestos. Mas elles sorriam apenas, envolvidos de chales, sob o chale do crepusculo.

Depois foi o revolto fim orgiaco. E nos sorrisos longinquos, onde se escancarava a saudade da carne roida dos narizes, das orelhas, dos olhos disformes, formou-se um grito dos mutilados lentos:

— Deus-lhes pa-gue!

Seguiu o caminho do Barracão dos Romeiros. Era o mesmo antigo hangar de caliça, com olhos esburacados de janellas. Entrou na meia-tinta, esbarrando num negro cow-boy herculeo e risonho que levava nos hombros uma creança linda.

Cafuzos espalhavam-se no chão, por cobertores vermelhos e pallidas esteiras, rodeando como cadaveres os pilares cubicos. Um pandeiro invisivel batia um fremito de asas metallicas. Uma dansarina preta, de olhos cerrados, atravancava a passagem numa roda estabelecida por um grande bombo reteso. Ao lado, um capenga de cavaignac tinia a volupia do caracaxá. Ella ia e vinha, em passos meúdos e lascivos de gala e de offerta, empolgada e theogonica.

No sobrado, mysteriosa e inflexivel, desconnexa e rapida, passava a luxuria religiosa, esganiçando-se em bandos lubricos, em bandos ardentes, em bandos triumphaes. E subito o artista descobriu, num sujo clamor gris, um anão de ébano grudado a uma caólha branca e seivosa, num remeximento descompassado de sensacional onanismo e de dansa.

Ao jantar, com as primeiras luzes do hotel, Alma inundava-se de vida pelas narinas animaes e pediu a Jorge que a levasse ver a bacchanal nocturna do Barracão.

Tinham sahido para fóra, onde o samba dos homens se espedaçava sob o samba mudo das estrellas. A lua dansava em crepes negros no espaço. E o rio, espumoso e nocturno, dansava.

Penetraram na kermesse de luz mortiça, espaçada, onde trovejava o magico bombo. Subiram por uma escada escura: parecia agora um palacio de columnas infinitas, onde uma luzida e surda mascarada de negros festejasse.

Na multidão que os levava, o anão de ébano abriu circulo, de novo dansou: era uma metade lepida e preta, grudada com tenazes de mãos a ancas polpudas que vibravam. Sob o chapeu enterrado até á bocca de dentes immensos, as pernas enleavam-se, obsecavam-se, batendo os pés basicos, enlameados e enormes, em vai-vens de samba e de maxixe.

E o coral frenetico gritava de toda parte por cem peitos metallicos de femeas e de machos, num castigado encontro de torsos e de sexos, o despudorado canto da perpetuação.

OSWALD DE ANDRADE

Contemporanea

MANUEL JARDIM †
DESENHO

RESPOSTA a uma carta

Vivo feliz e só neste meu sotão.
Adoro a mansidão das tardes quedas,
As sedas leves porque se amarrotam
E as solitarias, longas alamedas.

Adoro um pé pequeno por ser breve,
E adoro uma mulher só pela graça
De a ver na rua iluminada e leve,
Como um risco de sól numa vidraça.

Só porque dão noticias a granel
Tenho o horror inato das gazetas.
Adoro o preto porque fogem d'ele
E adoro as noites porque são discretas.

Se os teus pésinhos sabem caminhar
Co'a discrição sagaz que têm os sabios,
E tu queres vir mais branda que o luar
Poisar como uma estrela nos meus labios,

Vem ter comigo, ao meio dia, em maio...
Começa a primavera a fecundar...
Está tudo em festa... E' quando não saio,
A luz do sol castiga-me o olhar.

Aqui, sob a pressão das tardes quentes,
Teus seios no meu peito agasalhados,
Posso ensinar-te a ter o que não sentes
Olhando para ti de olhos fechados.

Mas se aqui vens, coquete e perfumada,
Falar das novas modas, do calor,
Não venhas que a minh'alma está cansada
De ouvir falar de coisas sem valor!

Deixa sósinho o homem que fugiu
Por uma escada acima sem parar,
P'ra ver do alto as coisas que já viu
E o mundo ter canseira em cá chegar.

E's sempre o grande Amor da minha vida
Só te ouvindo as palavras que disser.
Vendo só nos meus olhos reflectida
A graça do teu corpo de mulher.

Eugenio Soares Branco

As mãos da Senhora do Lago

Mãos que nasceram p'ra suster orchideas,
São as mãos della, longas, afiladas...
Mãos tão esculpturaes sonhou-as Phidias,
Mãos como ha nas Rainhas das balladas!

Mãos que a minh'alma tecem, como renda,
Nos bilros caprichosos dos seus dedos:
Tudo, em redor, p'ra o meu olhar se venda
Por essas mãos de magicos segredos...

Abertos lirios a um luar distante,
São as mãos della, brincos de luar!
Mãos que a nossa alma adora, num instante,
E toda a vida é curta p'rás beijar...

Maio de 1923 **MOTTA CABRAL**

A RODA

Na velha Roda dos engeitados
Foram rodados
Quantos a sorte bem malfadou.
E a velha Roda foi carinhosa,
Rodando aqueles botões de rosa
Que o mau destino lhe confiou.

Foram rodados como na vida
Curta ou comprida,
Todos nós somos, todos, tambem;
Postos á margem do nosso Abrigo,
Qui-los a Roda do tempo antigo,
Quis-lhes a Roda como ninguem.

Deu-lhes o leite, deu-lhes o berço...
E o mundo adverso
Nem assim mesmo a Roda poupou:
Tempos andados, viu-se ultrajada,
Viu-se esquecida; e aniquilada,
A Roda amiga não mais rodou.

Vinham de noite curvados dorsos
Como remorsos,
Trazer-lhe o fruto do amor sem Lar.
E ela rodava débeis vagidos,
P'ra que não fossem no mundo ouvidos,
— Não fosse o mundo logo acordar.

E a noite fria, fria de neve,
Ia-se breve,
Numa vigilia cheia de estrelas;
Enquanto a Roda ficava ainda
Como um regaço de graça infinda,
Como um presépio de todas elas...

Roda rodada, por mau destino,
O Deus-Menino
Deu-a por dote aos anjos do céu:
Nunca mais houve curvados dorsos
Fugindo dela como remorsos,
Desde que um dia a Roda morreu!

✸ Guerra Junqueiro

FRANCISCO BELIZ

amaris lex.

✸ Guerra Junqueiro

Alma:
canta la vida
como si de una herida
mortal fuera tu sangre; anida
en la tormenta ruda,
halla fé entre las fauces de la Duda,
y sé más elocuente por más muda.

Navega em mar de sombras
cuyas olas violentas den alfombras
para las inquietudes que no nombras.

A ráfagas de vientos iracundos,
por más airados mucho más fecundos,
confía tu bajel descubridor de mundos.

Y toma de las rosas una espina,
sin ruta familiar siempre camina:
tu victoria será así más divina...
un ópalo será tu plenilunio,
será un «huele de noche» en mes de Junio
la tragedia feliz de tu infortunio.

Y, solitario y fuerte, tu ideal
como Dios creará el Bien, del Mal;
Alma, ritmo platónico, éstasis musical.

JOSÉ D. FRIAS.
(MEXICANO.)

Paris. Febrero de MCMXXIII.

Contemporanea regista

A ACADEMIA E JUNQUEIRO

E'-NOS extremamente grato constatar, consignando-lhe o nosso preito, a dedicação e solicitude com que a nossa Academia soube ser grata á Memoria de Guerra Junqueiro.

A mocidade portugueza guardando, até ao maximo sacrificio, sincopadamente, o catafalco do que foi no *mare-magnum* da Poesia portugueza o mais luminoso pharol e a gavea mais alta, provou não haver esquecido o que, devendo-lhe em reconhecimento, a si propria devia.

Por essa nobre attitude a CONTEMPORANEA se congratula, saudando na Academia a geração vindoira.

MANUEL TEIXEIRA GOMES

SAUDANDO a grei lusiada pela Eleição do novo Presidente da Republica Portugueza, a CONTEMPORANEA tem o prazer e a honra de testemunhar publicamente, com os seus cumprimentos ao Senhor Manuel Teixeira Gomes, o seu beneplacito pelo triumpho presidencial que elevou S. Ex.ª á Suprema Magistratura do Estado.

Na hora reconstructiva que passa, a prestigiosa individualidade do Senhor Teixeira Gomes, alheia a sectarismos partidarios e a facciosismos politicos, apresenta-se-nos como um penhor do nosso optimismo e uma garantia da nossa confiança, da nossa Fé, no ressurgimento nacional.

Diplomata e escriptor, o intimo amigo que foi de Fialho d'Almeida, tem no exemplo da sua vida passada, pelo convivio dos pequenos cujas vidas focou em paginas de reconhecido merito e dos grandes com quem privou no desempenho do seu alto cargo, a experiencia que cria a reflexão e a perspicacia que implica a observação dos homens e a visão dos acontecimentos.

Por isso a CONTEMPORANEA se regosija, visionando no futuro Chefe de Estado o novo baluarte que ha-de entestar o Portico, blasonado pelas cinco chagas de Christo, na fortaleza secular da Raça Luzitana.

CONDE DE SABUGOSA

SENTINDO o dever moral de prestar o seu culto á memoria gentil do altissimo e aristocratico espirito do Conde de Sabugosa, a CONTEMPORANEA pezarosamente regista o passamento do penultimo Vencido da Vida que a Morte, pela sua sancção de Eternidade, quiz tornar Vencedor.

Acolham a Posteridade, em seu avental de luz, as rosas emmurcheciveis do estylo que gerou, entre outras maravilhas, as *Donas dos Tempos Idos,* os *Embrechados* e a *Rainha D. Leonor,* e a mão da veneranda viuva o osculo respeitoso de duas gerações reconhecidas pelo riquissimo espolio litterario legado por seu Marido.

ARMANDO BASTO E MANOEL JARDIM

A MORTE, a Cega Ceifeira, Ebria faminta, Doida varrida, Vassôrinha de Deus, na cegueira da sua loucura, levou nos ultimos mezes para o lixo da campa mais duas primaveras de Vida: — Armando Basto e Manoel Jardim.

Exactamente quando o segredo da existencia começavam a comprehender, elles, que foram dois incomprehendidos pelos que vivem comprehendo tudo por pouca comprehensão, exactamente quando as ávidas meninas dos seus olhos desembrulhavam o presente d'annos de Deus, que é a Vida, e se preparavam para com elle brincar, partindo-o para verem como era feito, ora voltando-o todo do avesso, ora concertando-o, reproduzindo-o, até lhe apanharem finalmente o Segredo, o profano Segredo, o Segredo indiscreto, a Morte os levou, talvez ciumenta do lindo brinquedo.

Armando Basto e Manoel Jardim eram pintores, porque eram real e idealmente pintores e não porque tivessem aprendido para pintores. Pintavam com os olhos, com as unhas e com os punhos d'alma cerrados, com toda a força, ora beijando, ora mordendo as côres.

Bohemios por suas generosas naturezas, sorveram até á ultima gotta, sofregamente, a taça licorosa, porque era prismatica, embriagante e linda de côr.

A Belleza que redime, a mesma Belleza os tentou.

No livro d'oiro da sua Saudade a CONTEMPORANEA arquiva mais estes dois nomes gloriosos, com a sombra negra da tinta alacre com que elles pintavam.

DR. EPITACIO PESSOA

NA alta individualidade do Ex-Presidente da Republica Brazileira, de passagem por Lisboa no ultimo dia do passado mez, a CONTEMPORANEA, saudando-o, aproveita mais uma vez o ensejo de saudar a Patria do Brazil, relembrando o acolhimento fraternal dispensado pelo illustre visitante ao nosso Chefe de Estado, por occasião da sua estada no Rio de Janeiro, e o enthusiasmo delirante com que o povo, nosso querido irmão, coroou o «terminus» da viagem aerea, levada triumphalmente a cabo pelos nossos aviadores Gago Coutinho e Saccadura Cabral. E n'essa saudação vai toda a nossa simpathia e apreço pela linda Patria, cuja civilisação de littoral floriu na lyra de Olavo Bilac e cuja seiva de interior se desentranhou em perfume selvatico na frauta do genial indigena Catullo da Paixão Cearense.

MAR ALTO

A CONTEMPORANEA lavra o seu vehemente protesto contra a attitude incivilisada com que, por occasião da estreia theatral do escriptor Antonio Ferro, uma parte do publico, por *révanche* politica de uns e animosidade litteraria de outros, obstou a que pudesse ser julgada imparcialmente a peça em trez actos «Mar Alto», que no passado mez Lucilia Simões genialmente interpretou na ribalta do Theatro de S. Carlos e contra a arbitraria prohibição do snr. Governador Civil, apodando de immoral a arrojada obra, que proporcionou á extranha Lucilia uma das suas creações mais notaveis.

EXEQUIAS

NA Basilica da Estrella, realisaram-se no dia 7 do corrente exequias por alma de Guerra Junqueiro, a que accorreram uma grande parte da pequena familia do Poeta e uma pequena parte da grande familia portugueza. N'esta ultima se incluia a CONTEMPORANEA que a ellas assistiu, orando á luz extincta, com a devoção devida ao glorioso auctor da «Oração á Luz».

EXPOSIÇÃO DE OUTÔNO

A CONTEMPORANEA tem o prazer de annunciar aos seus leitores, para meados de Novembro, a inauguração da Exposição de Outôno, por ella promovida, e para a qual já deram a sua adhesão os mais affirmativos artistas da geração actual.

Portugal terá então mais uma vez a consciencia de que cabem em seu orgulho de terra civilisada as melhores demonstrações pictoraes da nossa vitalidade racial.

Desde já contamos com os nomes consagrados de José de Almada, de Eduardo Vianna, de Antonio Soares, de Carlos Porfirio e outros que, honrando a CONTEMPORANEA com os seus valores, honram simultaneamente a Patria em que nasceram.

ALEXANDRE FERREIRA

N'UMA das ultimas reuniões camararias o vereador snr. Alexandre Ferreira propoz a creação de uma Commissão de Esthetica que, superintendendo na execução das novas construcções civis, obste ao desregramento do gosto publico, cujo criterio tanta vez confunde com a sensibilidade e emoção das gentes civilisadas.

A CONTEMPORANEA, revista feita expressamente para gente civilisada e para civilisar gente, não podia deixar passar sem registo tão acertada proposta, louvando o bello alvitre.

GOMEZ DE BAQUERO E PEREZ DE AYALA

NO Palacio de Palhavã, D. Alejandro Padilla, Enviado extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. El-Rey de España, no passado dia 9 de Julho, offereceu um chá, a que assistiram algumas das mais representativas individualidades da Peninsula, aos illustres escriptores e conferencistas, seus conterraneos, D. Eduardo Gomez de Baquero e D. Ramon Perez de Ayala, que na Sociedade de Geographia de Lisboa, realisaram duas interessantissimas conferencias d'Arte.

A CONTEMPORANEA, a quem foi confiada a honra da publicação das referidas conferencias no texto da revista e em separatas que serão lançadas a publico por intermedio da sua Editoria, agradece, penhorada, ao senhor Ministro de Espanha o seu amavel bilhete de convite.

A. de S. R.

DURANTE O PRIMEIRO ANO

CONTEMPORANEA

REALIZOU

5 Conferências:

De GASPAR DE CARVALHO, «A ARTE MODERNA», na Universidade Livre;
Do DR. BORIS H. KNIRCHA, «TH. DOSTOIEVSKY, SA VIE, SON ŒUVRE ET SA PHILOSOPHIE», na Liga Naval;
De GASTÃO DE BETTENCOURT, «A MUSICA NA ITALIA NOS SECULOS XV A XVIII», na Sociedade Nacional de Belas Artes;
De ANTONIO FERRO, «A ARTE DE BEM MORRER», no Salão da Ilustração Portuguêsa;
De ANTONIO BOTTO, «OS NOSSOS POETAS DE HOJE», no Salão do Teatro Nacional.

5 Exposições:

De VASQUEZ DIAZ
De CARLOS PORFIRIO
De EDUARDO VIANNA
De TELLES MACHADO
De EDUARDO MALTA
todas em Lisboa.

5 Concertos:

De ALICE
e MARIA REY COLAÇO
em Lisboa
no Porto
em Coimbra
Do maestro RUI COELHO
De DE FRANCESCHI
ambos em Lisboa.

1 Serão de Arte

em que tomaram parte
IRENE GOMES TEIXEIRA
LAURA CHAVES
MARIA LUISA MALHEIRO DIAS
OLIVA GUERRA
AMERICO DURÃO
AUGUSTO SANTA RITTA
JOSÉ BRUGES DE OLIVEIRA
MARIO ALVES PEREIRA

Universidade Nova

fundada pela CONTEMPORANEA

1.ª conferencia da série de propaganda:

Do DR. SIMÕES RAPOSO, «A Residencia dos Estudantes», na Sala de Calculo da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa, presidida por S. Ex.ª o Senhor Presidente da Republica, tendo-se feito representar o Govêrno pelos Ministros da Instrução, Justiça e Trabalho.

Edições

3 VOLUMES DA REVISTA (9 NÚMEROS)

Contendo:

INÉDITOS DE 138 AUTORES — 47 HORS TEXTE — 3 SEPARATAS.

DA

FABRICA SUISSA